

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalent

Ano LI, número 21 (2.648)

Cidade do Vaticano

terça-feira 26 de maio de 2020

Às Pontifícias Obras Missionárias Francisco indica o caminho a empreender e as tentações a evitar



O milagre da gratuidade que se torna serviço à Igreja

NESTE NÚMERO

Págs. 2-6: Mensagem do Papa às Pontifícias Obras Missionárias; *pág. 7:* Audiência geral de quarta-feira; *págs. 8-9:* Uma reflexão acerca das consequências do distanciamento social na nossa relação com Deus, por Timothy Radcliffe; Entrevista ao cardeal Cláudio Hummes, por Marcelo Figueroa; *pág. 10:* Nos ateneus pontifícios está tudo pronto para o novo ano académico, por Roberto Cetera; *pág. 11:* Intervenções a favor da África; *pág. 12:* Conversa com o filósofo e jornalista jesuíta Patrick Gilger, por Luca M. Possati; *pág. 13:* A Repam convoca para uma ação urgente e unificada a fim de evitar uma tragédia humanitária e ambiental; *pág. 14:* Rádio Sol Mansi na Guiné-Bissau, por Enrico Casale; *pág. 15:* Informações; Rescriptum; Santuário de Fátima; *pág. 16:* Regina caeli de 24 de maio.

«Nunca se pode obter o fervor missionário como consequência de um raciocínio ou de um cálculo» mas nasce do «dom gratuito de si» que se faz serviço à Igreja. Recorda o Papa Francisco na seguinte mensagem que enviou às Pontifícias Obras Missionárias, cuja assembleia geral anual — inicialmente prevista para quinta-feira 21 de maio, festa da Ascensão do Senhor — foi adiada por causa das restrições impostas nestes meses pela pandemia.



«Estavam todos reunidos, quando Lhe perguntaram: “Senhor, é agora que vais restaurar o Reino de Israel?”. Respondeu-lhes: “Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade. Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo”. Dito isto, elevou-Se à vista deles e uma nuvem subtraiu-O a seus olhos» (At 1, 6-9).

«O Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao Céu e sentou-Se à direita de Deus. Eles, partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam» (Mc 16, 19-20).

«Depois, levou-os até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. Enquanto os abençoava, separou-Se deles e elevava-Se ao Céu. E eles, depois de se terem prostrado diante d'Ele, voltaram para Jerusalém com grande alegria. E estavam continuamente no templo a bendizer a Deus» (Lc 24, 50-53).

Neste ano, havia decidido participar na vossa Assembleia Geral anual, prevista para 21 de maio, uma quinta-feira e festa da Ascensão do Senhor. Mas, depois, a Assembleia foi cancelada por causa da pandemia que nos afeta a todos. Quero, porém, enviar a todos vós esta Mensagem para de algum modo dar a conhecer as coisas que tinha no coração para vos dizer. Esta festa cristã, em tempos inimagináveis como os que estamos a viver, parece-me ainda mais fecunda em sugestões para o caminho e a missão de cada um de nós e de toda a Igreja.

Celebramos a Ascensão como uma festa e, todavia, comemora a despedida de Jesus dos seus discípulos e deste mundo. O Senhor eleva-Se até ao Céu (a Liturgia oriental descreve a maravilha dos anjos ao verem um homem que sobe, com a sua carne, para a direita do Pai). Quanto aos discípulos, apesar de O terem visto ressuscitado, parecemos não ter ainda

Às Pontifícias Obras Missionárias Francisco indica o caminho a emprender e as tentações a evitar

O milagre da gratuidade que se torna serviço à Igreja

entendido o que aconteceu, mesmo agora que Cristo está prestes a subir ao Céu; está para dar início à realização do seu Reino, e eles ainda se perdem atrás das suas conjecturas. Perguntam-Lhe se é agora que vai restaurar o Reino de Israel (cf. At 1, 6). Contudo, quando Cristo os deixa, em vez de ficar tristes, voltam para Jerusalém — como escreve Lucas (cf. 24, 52) — «com grande alegria». Isto seria estranho, se algo não tivesse acontecido pelo meio. Efetivamente, Jesus já lhes prometeu a força do Espírito Santo, que descerá sobre eles no Pentecostes. Este é o milagre que muda a situação. E tornam-se mais seguros, quando confiam tudo ao Senhor. Estão cheios de alegria. E a alegria neles é a plenitude da consolação, a plenitude da presença do Senhor.

Tendo presente aquilo que Paulo escreve aos Gálatas, sabemos que a plenitude da alegria dos Apóstolos não é efeito de emoções que deliriam e os fazem rejubilar; mas trata-se duma alegria transbordante que só se pode experimentar como fruto e dom do Espírito (cf. Gal 5, 22). Receber a alegria do Espírito é uma graça; e é a única força que podemos ter para pregar o Evangelho, confessar a fé no Senhor. Fé é testemunhar a alegria que nos dá o Senhor. Alegria assim, uma pessoa não a pode conseguir só por si mesma.

Antes de partir, Jesus disse aos seus discípulos que havia de lhes mandar o Espírito, o Consolador. E de igual modo deixou entregue ao Espírito também a obra apostólica da Igreja ao longo da história até ao seu retorno. O mistério da Ascensão, juntamente com a efusão do Espírito no Pentecostes, imprime e transmite para sempre à missão da Igreja o seu delineamento mais íntimo: o de ser

obra do Espírito Santo, e não consequência das nossas reflexões e intenções. Este é o traço que pode tornar fecunda a missão e preservá-la de qualquer suposta autossuficiência, da tentação de tomar como refém a carne de Cristo — elevado ao Céu — para os seus projetos clericais de poder.

Quando não se vê nem reconhece a obra atual e eficaz do Espírito Santo na missão da Igreja, isso quer dizer que as próprias palavras da missão — incluindo as mais exatas, as mais pensadas — se tornaram como «discursos de sabedoria humana», usadas para dar glória a si mesmo ou encobrir e mascarar os próprios desertos interiores.

A ALEGRIA DO EVANGELHO

A salvação é o encontro com Jesus, que nos ama e perdoa, enviando-nos o Espírito que nos consola e defende. A salvação não é consequência das nossas iniciativas missionárias, nem dos nossos discursos sobre a encarnação do Verbo. A salvação só pode vir para cada um mediante o olhar do encontro com Ele, que nos chama. Por isso, o mistério da predileção tem início e só pode começar num ímpeto de gratidão, de alegria: a alegria do Evangelho, a «grande alegria» daquelas pobres mulheres que, ao amanhecer do domingo de Páscoa, tinham ido ao sepulcro de Cristo e acharam-no vazio, mas depois foram as primeiras a encontrar Jesus ressuscitado e correram a dizê-lo aos outros (cf. Mt 28, 8-10). Só assim, apesar de escolhidos e prediletos, poderemos testemunhar ao mundo inteiro, com as nossas vidas, a glória de Cristo ressuscitado.

Em qualquer situação humana, as testemunhas atestam o que foi feito por outra pessoa. Só neste sentido é que podemos ser testemunhas de Cristo e do seu Espírito. Depois da Ascensão, como aparece narrado na conclusão do Evangelho de Marcos, os apóstolos e os discípulos «foram pregar por toda a parte; e o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam» (16, 20). Cristo, com o seu Espírito, dá testemunho de Si próprio através das obras que realiza em nós e conosco. Já explicava Santo Agostinho que a Igreja não suplicaria ao Senhor que a fé fosse concedida àqueles que não conhecem a Cristo, se não acreditasse que é o próprio Deus a revirar e atrair para Si mesmo a vontade dos homens. A Igreja não levaria os seus filhos a rezarem ao Senhor para perseverar na fé em Cristo, se não acreditasse que é precisamente o Senhor que detém na sua mão os nossos corações. De facto, se a Igreja mandasse pedir a Cristo estas coisas, mas pensando que ela mesma as poderia dar, isso significava que todas as suas orações não eram autênticas, mas fórmulas vazias, «modos de falar», conveniências ditadas pelo conformismo eclesial (cf. *O dom da perseverança. A Próspero e Hilário*, 23, 63).

Se não se reconhece que a fé é um dom de Deus, as próprias orações que a Igreja Lhe dirige não teriam sentido. Através delas, não se manifestaria qualquer paixão sincera pela fidelidade e a salvação dos outros, daqueles que não reconhecem Cristo ressuscitado, mesmo que transcorra o tempo a organizar a conversão do mundo ao cristianismo.

CONTINUA NA PÁGINA 3

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum. Non praevalent

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 0052123042036, e-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redazione.system@ilssole24ore.com

Francisco indica o caminho a emprender e as tentações a evitar

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

É o Espírito Santo que acende e guarda a fé nos corações: o reconhecimento deste dado muda tudo. Efectivamente, é o Espírito que inflama e anima a missão, imprimindo-lhe feições «genéticas», acentuações e andamentos singulares que tornam o anúncio do Evangelho e a confissão da fé cristã uma coisa diferente de qualquer proselitismo político ou cultural, psicológico ou religioso.

Recordei muitos destes traços distintivos da missão, na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*. Retomo alguns.

Atração. O mistério da Redenção entrou e continua a operar no mundo através duma atração, que pode conquistar o coração dos homens e mulheres, porque é, e se manifesta, mais atraente do que as seduções que fazem apelo ao egoísmo, consequência do pecado. «Ninguém pode vir a Mim se o Pai que Me enviou o não atrair», diz Jesus no Evangelho de João (6, 44). A Igreja sempre reafirmou que segue-se Jesus e anuncia-se o seu Evangelho pela força da atração exercida pelo próprio Cristo e pelo seu Espírito. O Papa Bento XVI afirmou que a Igreja cresce no mundo, não por proselitismo, mas por atração (cf. *Homilia na Missa de abertura da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*, Aparecida, 13/V/2007). Santo Agostinho dizia que Cristo revela-Se a nós atraindo-nos. E, para dar uma imagem desta atração, citava o poeta Virgílio segundo o qual cada um é atraído por aquilo que lhe agrada. Jesus não só convence a nossa vontade, mas atrai o nosso prazer (*Comentário sobre o Evangelho de João*, 26, 4). Quando uma pessoa segue feliz Jesus, porque se sente atraída por Ele, os outros dão-se conta disso e podem maravilhar-se. A alegria que transparece nas pessoas que são atraídas por Cristo e pelo seu Espírito é o que pode tornar fecunda qualquer iniciativa missionária.

Gratidão e gratuidade. A alegria de anunciar o Evangelho sempre brilha no horizonte duma memória agradecida. Os dois primeiros discípulos nunca esqueceram o momento em que Jesus lhes tocou o coração: «Eram as quatro da tarde» (Jo 1, 39). A história da Igreja resplandece, quando nela se manifesta a gratidão pela iniciativa gratuita de Deus, porque «foi Ele mesmo que nos amou» primeiro (1 Jo 4, 10), porque «só Deus [é] que faz crescer» (1 Cor 3, 7). A predileção amorosa do Senhor surpreende-nos e gera maravilha; esta, por sua natureza, não pode ser possuída nem imposta por nós. Não é possível «maravilhar-se à força». Só assim pode florir o milagre da gratuidade, do dom gratuito de si mesmo. O próprio ardor missionário nunca se pode obter em consequência dum raciocínio ou dum cálculo. Colocar-se «em estado de missão» é um reflexo da gratidão. Trata-se da resposta duma pessoa que, por gratidão, se torna dócil ao Espírito e, consequentemente, é livre. Se não nos apercebermos da predileção do Senhor, que nos torna agradecidos, até o conhecimento da verdade e o próprio conhecimento de Deus, os-



tentados como uma possessão alcançável com as próprias forças, se tornariam de facto «letra [que] mata» (2 Cor 3, 6), como demonstraram primeiramente São Paulo e Santo Agostinho. Só na liberdade da gratidão é que se conhece verdadeiramente o Senhor. Por isso, não vale nada e sobretudo não é apropriado insistir na apresentação da missão e do anúncio do Evangelho como se fossem um dever vinculante, uma espécie de «obrigação contratual» dos batizados.

Humildade. Se a verdade e a fé, se a felicidade e a salvação não são nossa possessão nem uma meta alcançada pelos nossos méritos, o Evangelho de Cristo só pode ser anunciado com humildade. Jamais se pode pensar em servir a missão da Igreja cultivando a arrogância, seja como indivíduos seja através dos organismos, com a altivez de quem distorce até o dom dos Sacramentos e as palavras mais autênticas da fé cristã como se fossem um espólio que ganhamos. Não se pode ser humilde por boa educação, nem por desejar aparecer cativante; uma pessoa é humilde, se seguir Cristo, que disse aos seus: «Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29). Santo Agostinho interroga-se por que motivo Jesus, depois da Ressurreição, Se fez ver apenas aos seus discípulos, e não àqueles que O crucificaram; responde ele que Jesus não queria dar a impressão de «desafiar de alguma maneira os seus assassinos. Efectivamente, para Ele, era mais importante ensinar a humildade aos amigos do que lançar a verdade à cara dos inimigos» (*Discurso* 284, 6).

Facilitar, não complicar. Outra característica do trabalho missionário autêntico é a que alude à paciência de Jesus, que, nas próprias narrações do Evangelho, acompanhava sempre com misericórdia os passos de crescimento das pessoas. Um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode fazer o coração de Deus mais feliz do que os largos passos de quem avança na vida sem grandes dificuldades. Um coração missionário reconhece a condição real em que se encontram as pessoas reais, com as suas limitações, pecados, fragilidades, e faz-se «fraco com os fracos» (1 Cor 9, 22). «Sair» em missão para alcançar as periferias humanas não significa vagar sem direcção nem sentido, como vendedores impacientes que se lamentam porque a gente é demasiado rude e primitiva para se interessar pela sua mercadoria. Uma vez, trata-se de abrandar o passo, para acompanhar quem ficou na beira da estrada; outras vezes, é preciso imitar o pai da parábola do filho pródigo, que deixa as portas abertas e perscruta, diariamente, o horizonte enquanto espera o regresso do filho (cf. Lc 15, 20). A Igreja não é uma alfândega e quem participa de algum modo na missão da Igreja é chamado a não acrescentar pesos inúteis às vidas já afadigadas das pessoas, a não impor percursos sofisticados e trabalhosos de formação para usufruir daquilo que o Senhor concede com facilidade. Não se coloquem obstáculos ao desejo de Jesus, que reza por cada um de nós e quer curar a todos, salvar a todos.

Aproximação à vida real. Jesus encontrou os seus primeiros discípulos nas margens do lago da Galileia, quando estavam ocupados no seu

trabalho. Não os encontrou num congresso, num seminário de preparação nem no Templo. O anúncio de salvação de Jesus alcança as pessoas sempre onde estão e como estão, nas suas vidas reais. A normalidade da vida comum, tomando parte nas necessidades, esperanças e problemas de todos, é o lugar e a condição onde quem reconheceu o amor de Cristo e recebeu o dom do Espírito Santo pode dar razão da sua fé, esperança e caridade àqueles que lhe pedirem; caminhando juntamente com os outros, ao lado de todos. Sobre tudo neste tempo em que vivemos, não se trata de inventar percursos de preparação «reservados», criar mundos paralelos, criar bolhas mediáticas onde fazer ressoar os próprios slogans, as próprias declarações de intentos, reduzidas a pacatos «nominalismos declaratórios». A título de exemplo, como já tenho recordado outras vezes, na Igreja continua a haver quem apregoe o slogan «é a hora dos leigos», mas o relógio parece ter parado...

O «sensus fidei» do povo de Deus. No mundo, há um povo que possui uma espécie de «olfato» que presente o Espírito Santo e a sua ação. É o povo de Deus, chamado e querido a Jesus, o qual, por sua vez, continua a procurá-Lo e sempre recorre a Ele nas aflições da vida. O povo de Deus suplica o dom do seu Espírito: confia a espera por Este às palavras simples das orações, e nunca se acomoda na presunção da sua autossuficiência. O santo povo de Deus é reunido e ungido pelo Senhor; e, em virtude desta unção, torna-se *infalível «in credendo»*, como ensina a Tradição da Igreja. A ação do Espírito Santo dota o povo fiel com um «instinto» da fé – o *sensus fidei* –, que o ajuda a não se enganar nas coisas de Deus que crê, embora não conheça raciocínios e fórmulas teológicas para definir os dons que experimenta. O mistério do povo peregrino, que, na sua espiritualidade popular, caminha rumo aos santuários e se consagra a Jesus, a Maria e aos Santos, bebe e adere de forma conatural à iniciativa livre e gratuita de Deus, sem precisar de seguir planos de mobilização pastoral.

Predileção pelos humildes e os pobres. Todo o ardor missionário, se for guiado pelo Espírito Santo, mostra uma predileção pelos pobres e os humildes como sinal e reflexo da preferência que o Senhor tem por eles. As pessoas diretamente envolvidas em iniciativas e estruturas missionárias da Igreja nunca deveriam justificar a sua falta de atenção aos pobres com a desculpa – muito usada em certos círculos eclesiais – de ter que concentrar as suas energias em tarefas prioritárias para a missão. A preferência pelos pobres não é uma opção facultativa para a Igreja.

As dinâmicas e abordagens anteriormente descritas fazem parte da missão da Igreja, animada pelo Espírito Santo. Habitualmente é reconhecida e afirmada, nas declarações e discursos eclesiais, a necessidade do Espírito Santo como fonte da missão da Igreja. Mas sucede tam-

Às Pontifícias Obras Missionárias

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

bém que tal reconhecimento se reduza a uma espécie de «homenagem formal» à Santíssima Trindade, uma fórmula introdutória convencional para intervenções teológicas e planos pastorais. Na Igreja, há muitas situações em que o primado da graça permanece apenas como um postulado teórico, uma fórmula abstrata. Acontece que muitas iniciativas e organismos ligados à Igreja, em vez de deixar transparecer a atividade do Espírito Santo, acabam por dar testemunho apenas da sua autorreferencialidade. Muitos sistemas eclesiais, em todos os níveis, parecem absorvidos pela obsessão de se promover a si mesmos e às suas iniciativas; como se isto fosse o objetivo e o horizonte da sua missão.

Até aqui limitei-me a tomar e propor critérios e ideias sobre a missão da Igreja, que expusera de forma mais desenvolvida na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*. Fí-lo por acreditar que seria útil e fecundo – e inadiável – também para as Pontifícias Obras Missionárias (POM) confrontar-se com tais critérios e sugestões, neste trecho do seu caminho.

ÀS POM E O TEMPO PRESENTE TALENTOS A DESENVOLVER, TENTAÇÕES E DOENÇAS A EVITAR

Que perspectivas se abrem para o presente e o futuro das POM? Que lastro se arrisca a sobrecarregar-lhes o caminho?

Na fisionomia, eu diria na identidade, das Pontifícias Obras Missionárias, aparecem certos traços distintivos – alguns, por assim dizer, genéticos, outros adquiridos ao longo do seu percurso histórico – que muitas vezes são transcurados ou vistos como um dado adquirido. Ora, são precisamente tais traços que podem salvar e tornar preciosa, sobretudo no tempo presente, a contribuição desta «rede» para a missão universal a que é chamada toda a Igreja.

– *As Obras Missionárias nasceram, espontaneamente, do ardor missionário manifestado pela fé dos batizados. Há e permanece uma consonância íntima, uma familiaridade entre as Obras Missionárias e o *sensus fidei* infalível *in credendo* do povo fiel de Deus.*

– *As Obras Missionárias, desde o início, avançaram sobre dois «trilhos», ou melhor, ao longo de duas margens que seguem sempre paralelas e, no seu caráter elementar, sempre se apresentaram familiares ao coração do povo de Deus: a oração e a caridade, sob a forma da esmola, que «livra da morte e limpa de todo o pecado» (Tob 12, 9), a «caridade intensa» que «cobre a multidão dos pecados» (1 Ped 4, 8). Os fundadores das Obras Missionárias, a começar por Pauline Jaricot, não inventaram as orações nem as obras às quais confiaram os seus anseios a propósito do anúncio do Evangelho,*

mas limitaram-se a extraí-las do tesouro inexaurível dos gestos mais familiares e habituais que tem o povo de Deus no seu caminho ao longo da história.

– *As Obras Missionárias, surgidas de maneira gratuita na trama vital do povo de Deus, pela sua configuração simples e concreta foram reconhecidas e tão estimadas pela Igreja de Roma e seus Bispos, que estes, no século passado, pediram para poder adotá-las como instrumento peculiar do serviço por eles prestado à Igreja universal. Este caminho levou a atribuir a tais Obras a designação de «Pontifícias». Desde então sobressai, na fisionomia das POM, a sua característica de instrumentos de serviço às*



Igrejas particulares apoiando-as na obra de anúncio do Evangelho. Seguindo o mesmo caminho, as Pontifícias Obras Missionárias ofereceram-se docilmente como instrumentos de serviço à Igreja, no seio do ministério universal realizado pelo Papa e pela Igreja de Roma, que «preside na caridade». Assim, pelo seu próprio percurso e sem entrar em complexas disputas teológicas, as POM refutaram os argumentos de quem, mesmo em ambientes eclesiais, contrapõe de maneira imprópria carisma e instituição, lendo sempre as relações entre as duas realidades através duma equivocada «dialética dos princípios». Efetivamente, na Igreja, os próprios elementos estruturais permanentes – tais como os Sacramentos, o sacerdócio e a sucessão apostólica – não estão à disposição da Igreja como um objeto de posse adquirida, mas devem ser continuamente recriados pelo Espírito Santo (cf. Card. J. Ratzinger, *Os movimentos eclesiais e a sua colocação teológica*. Intervenção

no Congresso mundial dos movimentos eclesiais, Roma, 27-29/V/1998).

– *As Obras Missionárias, desde a sua difusão inicial, estruturaram-se como uma rede capilar espalhada no seio do povo de Deus, plenamente ancorada e efetivamente «imane» à rede das instituições e realidades da vida eclesial pré-existent, como as dioceses, as paróquias, as comunidades religiosas. A vocação peculiar das pessoas envolvidas nas Obras Missionárias nunca foi vivida e sentida como um caminho alternativo, uma pertença «externa» relativamente às formas comuns da vida das Igrejas particulares. A solicitação no sentido de rezar e angariar recursos*

de tantas outras instituições eclesiais. Assinalo algumas delas.

ARMADILHAS A EVITAR

Autorreferencialidade. Sem pretender negar as boas intenções dos indivíduos, organizações e entidades eclesiais, às vezes acabam fechadas em si mesmas, dedicando energias e atenção sobretudo à sua autopromoção e à celebração em chave publicitária das suas iniciativas. Outras parecem dominadas pela obsessão de redefinir continuamente a sua relevância e os seus espaços dentro da Igreja, com a justificação de quererem relançar o melhor possível a sua missão. Desta maneira, como disse uma vez o então Cardeal Joseph Ratzinger, alimenta-se a ideia enganadora de que uma pessoa seria tanto mais cristã quanto mais estivesse empenhada em estruturas intraclesiais, quando na realidade quase todos os batizados vivem a fé, a esperança e a caridade na sua vida normal, sem nunca aparecer em comissões eclesiais nem se ocupar dos últimos desenvolvimentos de política eclesial (cf. *Uma companhia sempre em reforma*, Conferência no Encontro de Rimini, 01/IX/1990).

Ansia de comando. Sucede às vezes que instituições e organismos surgidos para ajudar as comunidades eclesiais, pondo ao serviço destas os dons que neles suscitou o Espírito Santo, pretendam com o passar do tempo exercer supremacias e funções de controle sobre as comunidades que deveriam servir. Este comportamento é quase sempre acompanhado pela presunção de exercer o papel de «depositários», distribuidores de licenças de legitimidade a respeito dos outros. Efetivamente, nestes casos, comportam-se como se a Igreja fosse um produto das nossas análises, dos nossos programas, acordos e decisões.

Elitismo. Várias vezes se apodera daqueles que fazem parte de organismos e realidades organizadas na Igreja um sentimento elitista, a ideia tácita de pertencer a uma aristocracia. Uma classe superior de especialistas que procura ampliar os seus espaços em compulsição ou em concorrência com outras elites eclesiais, e prepara os seus membros segundo os sistemas e as lógicas mundanas da militância ou da competência técnico-profissional, sempre com a intenção principal de promover as suas prerrogativas oligárquicas.

Isolamento do povo. Nalgumas realidades ligadas à Igreja, a tentação elitista é às vezes acompanhada por um sentimento de superioridade e impaciência face à multidão dos batizados, ao povo de Deus, que talvez frequente as paróquias e os santuários, mas não se compõe de «ativistas» ocupados em organizações católicas. Nestes casos, o próprio povo de Deus é visto como uma massa inerte, que precisa incessantemente de ser reanimada e mobilizada através duma «tomada de consciência» que se deve estimular por meio de argumentações, apelos, ensinamen-

CONTINUA NA PÁGINA 5

Francisco indica o caminho a emprender e as tentações a evitar



CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

tos. Comportam-se como se a certeza da fé fosse consequência de um discurso persuasivo ou de métodos de preparação.

Abstração. Organismos e realidades ligadas à Igreja, quando se tornam autorreferenciais, perdem o contacto com a realidade e adoecem de abstração. Multiplicam-se inúteis locais de elaboração estratégica, para produzir projetos e diretrizes que servem apenas como instrumentos de autopromoção de quem os inventa. Tomam-se os problemas e seccionam-se em laboratórios intelectuais, onde tudo acaba domesticado e envernizado segundo as chaves ideológicas de preferência; onde tudo, fora do contexto real, pode ser cristalizado num simulacro, incluindo as referências à fé ou os apelos verbais a Jesus e ao Espírito Santo.

Funcionalismo. As organizações autorreferenciais e elitistas, mesmo na Igreja, acabam frequentemente por apostar tudo na imitação dos modelos mundanos de eficiência, como os impostos por uma competição económica e social exacerbada. A opção do funcionalismo garante a ilusão de «resolver os problemas» com equilíbrio, ter as coisas sob controle, aumentar a sua relevância, melhorar a administração ordinária do que existe. Mas, como já vos disse no encontro que tivemos em 2016, uma Igreja que tem medo de se abandonar à graça de Cristo e aposta na eficiência do sistema, já está morta, mesmo que as estruturas e programas a favor dos clérigos e leigos «auto-ocupados» possam ainda durar séculos.

CONSELHOS PARA O CAMINHO

Perscrutando o presente e o futuro e procurando também no percurso das POM os recursos para superar as armadilhas do caminho e continuar para diante, permito-me dar algumas sugestões para ajudar o vosso discer-

nimento. Tendo vós empreendido um percurso de reavaliação das próprias POM, que quereis que seja inspirado nas indicações do Papa, proponho à vossa atenção critérios e ideias gerais, sem entrar em detalhes, até porque os diferentes contextos poderão exigir adaptações e variações.

1) Na medida das vossas possibilidades e sem vos perderdes em demasiadas conjecturas, *salvuardai ou redescobri a inserção das POM no seio do povo de Deus*, a sua imanência na trama da vida real em que nasceram. Será útil uma «imersão» mais intensa na vida real das pessoas, tal como é. Quando se segue a Jesus, faz bem a todos sair do ambiente fechado das próprias problemáticas internas. Convém mergulhar nas circunstâncias e condições concretas, inclusive procurando ou tentando reintegrar a capilaridade da ação e dos contactos das POM no seu entrelaçamento com a rede eclesial (dioceses, paróquias, comunidades, grupos). Se se privilegiar a própria imanência no povo de Deus, com as suas luzes e dificuldades, consegue-se também fugir melhor da armadilha da abstração. Mais do que formular e multiplicar propostas, é preciso dar respostas a perguntas e exigências reais. Talvez seja a partir duma luta corpo a corpo com a vida em ato, e não dos cenáculos fechados ou das análises teóricas sobre as próprias dinâmicas internas, que poderão chegar as intuições úteis para mudar e melhorar os procedimentos operacionais, adaptando-os aos variados contextos e às diferentes circunstâncias.

2) Sugiro proceder de modo que o sistema essencial das POM permaneça ligado às *práticas da oração e da coleta de recursos para a missão*, um sistema válido e estimado precisamente pela sua natureza elementar e concreta. Expressa a afinidade das POM com a fé do povo de Deus. Com toda a flexibilidade e as necessárias adaptações, convém que não seja esquecido nem distorcido este traço elementar das POM: orações ao Senhor, para que Ele abra os co-

rações ao Evangelho, e súplicas a todos, para que sustentem também de forma concreta a obra missionária. Há nisto uma simplicidade e um concretismo que todos podem apreciar no momento atual, pois, mesmo nas circunstâncias ditadas pelo flagelo da pandemia, se sente por todo o lado o desejo de encontrar e permanecer próximo de tudo o que é simplesmente Igreja. Procurai também novas estradas, novas formas para o vosso serviço, mas, para o conseguir, não adianta complicar o que é simples.

3) As POM são e devem comportar-se como um *instrumento de serviço* à missão nas Igrejas particulares, tendo por horizonte a missão da Igreja que sempre abraça o mundo inteiro. Está nisto a sua contribuição, sempre valiosa, para o anúncio do Evangelho. Todos somos chamados a guardar por amor e gratidão, mesmo com as nossas obras, os germes de vida teologal que o Espírito de Cristo faz desabrochar e crescer onde Ele quer, mesmo nos desertos. Por favor, na oração, a primeira coisa a pedir ao Senhor é que nos torne a todos mais prontos a captar os sinais do seu agir para depois os indicar ao mundo inteiro. Só isto pode ser útil: pedir que em nós, no íntimo do nosso coração, a invocação do Espírito Santo não se reduza a um postulado estéril e redundante das nossas reuniões e homilias; pelo contrário, não adianta fazer conjecturas e teorizar a propósito de super-estratégias ou «centrais dirigentes» da missão, a quem delegar, como a presumidos e enfatuados «guardiões» da dimensão missionária da Igreja, a tarefa de despertar o espírito missionário ou conceder licenças para missionar os outros. Se, nalgumas situações, definha o ardor pela missão, é sinal de que está a desfalecer a fé. E, neste caso, a pretensão de reanimar a chama que se apaga com estratégias e discursos, acaba por enfraquecê-la ainda mais, fazendo apenas avançar o deserto.

4) Por sua natureza, o serviço prestado pelas POM coloca os seus

executores em *contacto com inúmeras realidades*, situações e eventos que fazem parte do grande fluxo da vida da Igreja, em todos os Continentes. Neste fluxo, pode-se embater não só em muitos gravames e escleroses que acompanham a vida eclesial, mas também nos dons gratuitos de cura e consolação que o Espírito Santo semeia na vida diária daquela que poderia chamar-se a «classe média da santidade». E podeis alegrar-vos e exultar, saboreando os encontros que vos acontecem, graças ao trabalho das POM, e deixando-vos maravilhar por eles. Penso nas narrações que ouvi de tantos milagres sucedidos com as crianças, que encontraram Jesus talvez através das iniciativas propostas pela Infância Missionária. Por isso, nunca deixeis que o vosso trabalho acabe «esterilizado» numa dimensão exclusivamente burocrático-profissional. Não pode haver burocratas nem funcionários da missão. E a vossa gratidão pode tornar-se, por sua vez, um dom e um testemunho para todos. Para conforto de todos, podeis, com os meios de que dispodes e sem artificialismos, referir os casos de pessoas e comunidades que pudestes encontrar mais facilmente do que outras, por resplandecer gratuitamente nelas o milagre da fé, da esperança e da caridade.

5) A gratidão à vista dos prodígios operados pelo Senhor entre os seus prediletos – os pobres e os pequeninos a quem Ele revela as coisas ocultas aos sábios (cf. *Mt* 11, 25-26) – pode tornar mais fácil, também para vós, *subtrair-vos às armadilhas das retóricas autorreferenciais* e sair de vós mesmos, seguindo a Jesus. A ideia duma atividade missionária autorreferencial, que passa o tempo a contemplar e autoincensar-se pelas suas iniciativas, seria em si mesma um absurdo. Não gasteis demasiado tempo nem recursos a «olhar para vós mesmos», a elaborar planos autotocentrados nos mecanismos internos, na funcionalidade e capacidades do seu organigrama. Olhai para fora, não vos olheis ao espelho. Quebrai todos os espelhos de casa. Os critérios a seguir, mesmo na realização dos programas, tenham em vista aliviar, tornar mais flexíveis estruturas e procedimentos, em vez de sobrecarregar com outros elementos do sistema a rede das POM. Por exemplo, cada diretor nacional, durante o seu mandato, esforce-se por identificar as figuras de um possível sucessor, tendo como único critério não assinalar pessoas do seu círculo de amigos ou companheiros de «agregação» eclesial, mas pessoas que lhe parecem ter mais ardor missionário do que ele próprio.

6) Quanto à *angariação de recursos* para ajudar a missão, por ocasião dos nossos encontros anteriores, já chamei a atenção para o risco de transformar as POM numa Ong inteiramente dedicada à busca e atribuição dos fundos. Isso depende mais

CONTINUA NA PÁGINA 6

Às Pontifícias obras missionárias

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

do coração com que se fazem as coisas, do que das coisas que se fazem. Na recolha de fundos, certamente pode ser aconselhável e até oportuno recorrer criativamente a metodologias atualizadas para se obter financiamentos da parte de potenciais e beneméritos doadores. Mas quando, nalgumas áreas, a coleta de doações falha, devido também ao declínio da memória cristã, então pode vir a tentação de resolvermos nós o problema «encobrindo» a realidade e apostando nalgum sistema de angariação mais eficaz, que vai à procura dos grandes doadores. Ao contrário, o sofrimento pela perda da fé e também pela diminuição dos recursos não se deve descartar, mas colocar nas mãos do Senhor. Em todo o caso, é bom que o pedido de ofertas para as missões continue a ser feito prioritariamente a toda a multidão dos batizados, inclusive apostando de maneira nova na coleta para as missões que se realiza nas igrejas de todos os países, em outubro, por ocasião do Dia Mundial das Missões. A Igreja sempre continuou a avançar graças também ao óbolo da viúva, à contribuição daquela série inumerável de pessoas que se sentem curadas e consoladas por Jesus e, conseqüentemente, pelo transbordar da sua gratidão, dão o que têm.

7) Quanto ao uso das doações recebidas, avaliai sempre com apropriado *sensus Ecclesiae* a distribuição dos fundos para apoio de estruturas e projetos que realizam de variados modos a missão apostólica e o anúncio do Evangelho nas diferentes partes do mundo. Tenha-se sempre em conta reais necessidades primárias das comunidades e, ao mesmo tempo, evitem-se formas de assistencialismo que, em vez de oferecer instrumentos ao ardor missionário, acabam por entibiar os corações e alimentar na própria Igreja fenômenos de clientelismo parasitário. Com a vossa contribuição, procurai dar respostas concretas a exigências objetivas, sem desperdiçar recursos em iniciativas caracterizadas pela abstração, autorreferência ou produzidas pelo narcisismo clerical de alguém. Não cedais a complexos de inferioridade nem tentações de emulação com organizações super-funcionais que arrecadam fundos para causas justas e depois uma boa percentagem dos mesmos é utilizada para financiar o sistema e fazer publicidade da própria marca. Mesmo isso torna-se às vezes uma estrada para cuidar primeiro dos próprios interesses, embora mostrando que se está a trabalhar em benefício dos pobres e necessitados.

8) A propósito dos pobres, também vos não vos esqueçais deles. Esta foi a recomendação que os apóstolos Pedro, João e Tiago deram, no Concílio de Jerusalém, a Paulo, Barnabé e Tito que lá se tinham deslocado para debater a sua missão entre os incircuncisos: «Só nos disseram que nos devíamos lembrar dos pobres» (Gal 2, 10). Na seqüência de tal recomendação, Paulo organizou as coletas a favor dos irmãos da Igreja de Jerusalém (cf. 1 Cor 16, 1). Desde o

início, a predileção pelos pobres e os pequeninos faz parte da missão de anunciar o Evangelho. As obras de caridade espiritual e corporal em seu favor manifestam uma «preferência divina» que interpela a vida de fé de todos os cristãos, chamados a ter os mesmos sentimentos de Jesus (cf. Fl 2, 5).

9) As POM, com a sua rede espalhada por todo o mundo, *refletem a rica variedade do «povo de mil rostos»* reunido pela graça de Cristo, com o seu ardor missionário; um ardor, que não é sempre intenso e vigoroso da mesma maneira em toda parte. Entretanto, ao partilhar a mesma urgência de confessar Cristo morto e ressuscitado, expressa-se com acentuações diferentes, adaptando-se aos vários contextos. A revelação do Evangelho não se identifica com nenhuma cultura e, no encontro com

10) As POM não são, na Igreja, uma entidade fechada em si mesma, suspensa no vazio. Entre as suas especificidades, que sempre se devem cultivar e renovar, está o vínculo especial que as une ao Bispo da Igreja de Roma, que preside na caridade. É belo e reconfortante reconhecer que este vínculo se manifesta num trabalho realizado com alegria, sem procurar aplausos nem avançar reivindicações. Uma obra que, precisamente na sua gratuidade, se entrelaça com o serviço do Papa, servo dos servos de Deus. Peço-vos que o caráter distintivo da vossa proximidade ao Bispo de Roma seja precisamente este: a partilha do amor à Igreja, reflexo do amor a Cristo, vivido e traduzido no silêncio, sem enfatuar-se nem assinalar «os próprios territórios»; com um trabalho diário que beba na caridade e no seu mistério

missionária e, por outro, que uma articulação puramente nacional das iniciativas põe em risco a própria fisionomia da rede das POM, bem como o intercâmbio de dons entre as Igrejas e comunidades locais, vivido como fruto e sinal tangível da caridade entre os irmãos, na comunhão com o Bispo de Roma.

Em todo o caso, rezai sempre para que toda a consideração relativa à estrutura operacional das POM seja iluminada pela única coisa necessária: um pouco de verdadeiro amor à Igreja, como reflexo do amor a Cristo. O vosso é um serviço prestado ao ardor apostólico, isto é, a um impeto de vida teológica que só o Espírito Santo pode operar no povo de Deus. Procurai fazer bem o vosso trabalho «como se tudo dependesse de vós, sabendo que, na realidade, tudo depende de Deus» (Santo Iná-



novas culturas que ainda não receberam a pregação cristã, é preciso não impor uma determinada forma cultural juntamente com a proposta do Evangelho. Hoje, no próprio trabalho das POM, convém não levar bagagens pesadas; é melhor cingir aos traços essenciais da fé o seu perfil diferenciado e o seu referimento comum. Também pode ofuscar a universalidade da fé cristã a pretensão de estandardizar a forma do anúncio, apostando tudo talvez sobre estereótipos e slogans que estão na moda em certos círculos de determinados países culturais ou politicamente dominantes. A propósito, a própria relação especial que une as POM ao Papa e à Igreja de Roma constitui um recurso e um sustentáculo de liberdade, que a todos ajuda a subtrair-se de modas passageiras, da restrição a escolas de pensamento unilaterais ou de homologações culturais de cunho neocolonialista: fenômenos que, infelizmente, se registam também em contextos eclesiais.

de gratuidade; com uma atividade que apoia inúmeras pessoas, interiormente gratas mas que talvez não saibam sequer a quem agradecer, pois nem conhecem pelo nome as POM. O mistério da caridade na Igreja, realiza-se assim. Continuemos a caminhar juntos, felizes de avançar por entre provações, graças aos dons e consolações do Senhor. Entretanto reconheçamos com alegria que somos todos — a começar por mim — servos inúteis.

CONCLUSÃO

Ide com entusiasmo: no caminho que vos espera, há tanto a fazer. Se houver mudanças a experimentar nos procedimentos, é bom que as mesmas procurem aliviar, e não aumentar o peso; visem ganhar flexibilidade operacional, e não produzir sistemas rígidos adicionais e sempre ameaçados de introversão. Tende presente, por um lado, que uma centralização excessiva, em vez de ajudar, pode complicar a dinâmica mis-

ção de Loyola). Como vos disse anteriormente, durante um dos nossos encontros, tende a prontidão de Maria. Quando foi ter com Isabel, Maria não o fez por interesse próprio: foi como serva do Senhor Jesus, que levava no seio. De Si mesma, nada disse; apenas levou o Filho e louvou a Deus. Não era Ela a protagonista. Fora como a serva d'Aquele que é também o único protagonista da missão. Mas não perdeu tempo, foi apressadamente trabalhar para ajudar a sua parenta. Ela ensina-nos esta prontidão, a pressa da fidelidade e da adoração.

Nossa Senhora guarde a vós e às Pontifícias Obras Missionárias e vos abençoe o seu Filho, o Senhor nosso Jesus Cristo. Ele, antes de subir ao Céu, prometeu estar sempre conosco... até ao fim dos tempos.

Dado em Roma, em São João de Latrão, na Solenidade da Ascensão do Senhor, 21 de maio de 2020.

Franciscus

CATEQUESE

Apelo do Pontífice a preservar a criação

A oração é a primeira força da esperança

«Se a vicissitude da vida, com todas as suas amarguras, arrisca sufocar o dom da oração, é suficiente a contemplação de um céu estrelado, de um pôr do sol, de uma flor... para reacender a centelha do agradecimento», frisou o Papa Francisco na audiência geral de quarta-feira, 20 de maio, realizada na Biblioteca particular do Palácio apostólico do Vaticano, sem a presença de fiéis devido à pandemia de Covid-19. Prosseguindo o ciclo de catequeses sobre o tema da oração — que definiu «primeira força da esperança» — o Pontífice centrou a meditação sobre o «mistério da Criação» (Salmo 8, 4-5.10).

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Continuemos a catequese sobre a oração, meditando acerca do *mistério da Criação*. A vida, o simples facto de existirmos, abre o coração do homem à oração.

A primeira página da Bíblia assemelha-se a um grandioso hino de ação de graças. A narração da Criação é cadenciada por refrões, nos quais são constantemente reiteradas a bondade e a beleza de tudo o que existe. Com a sua palavra, Deus chama à vida, e todas as coisas passam a existir. Com a palavra, separa a luz das trevas, alterna o dia e a noite, intercala as estações, abre uma paleta de cores com a variedade das plantas e dos animais. Nesta floresta transbordante que rapidamente derrota o caos, o homem aparece em último lugar. E esta aparição provoca um excesso de exultação, que amplifica a satisfação e a alegria: «Deus contemplou a sua obra, e viu que tudo era muito bom» (Gn 1, 31). Bom, mas também belo: vê-se a beleza de toda a Criação!

A beleza e o mistério da Criação geram no coração do homem o primeiro movimento que suscita a oração (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2.566). Assim reza o oitavo Salmo, que ouvimos no início: «Quando contemplo o firmamento, obra dos vossos dedos, a lua e as estrelas que lá fixastes: “Que é o homem, para pensardes nele, que são os filhos de Adão, para que vos preocupeis com eles?”» (vv. 4-5). Quem reza contempla o mistério da existência ao seu redor, vê o céu estrelado acima dele — e que a astrofísica nos mostra hoje em toda a sua imensidão — e interroga-se acerca de qual desígnio de amor deve existir por detrás de uma obra tão poderosa!... E que é o homem, nesta vastidão sem confins? «Quase nada», diz outro Salmo (cf. 89, 48): um ser que nasce, um ser que morre, uma criatura extremamente frágil. E no entanto, em todo o

universo, o ser humano é a única criatura consciente de tal profusão de beleza. Um pequeno ser que nasce, morre, hoje existe e amanhã não, é o único consciente desta beleza. Nós estamos cientes desta beleza!

A oração do homem está intimamente ligada ao sentimento de *admiração*. A grandeza do homem é infinitesimal, se for comparada com as dimensões do universo. As suas maiores conquistas parecem ser muito pouco... Mas o homem não é nada. Na oração afirma-se vigorosamente um sentimento de misericórdia. Nada existe por acaso: o segredo do universo consiste no olhar benévolo de alguém que se cruza com o nosso. O Salmo afirma que somos feitos pouco menos que um Deus, que somos coroados de glória e honra (cf. 8, 6). A relação com Deus é a grandeza do homem: a sua entronização. Por natureza não somos quase nada, somos pequenos; mas por vocação, por chamada somos os filhos do grande Rei!

É uma experiência que muitos de nós já fizemos. Se a vicissitude da vida, com todas as suas amarguras, às vezes corre o risco de sufocar em nós o dom da oração, é suficiente a contemplação de um céu estrelado, de um pôr do sol, de uma flor..., para reacender a centelha da gratidão. Talvez esta experiência esteja na base da primeira página da Bíblia.

Quando foi redigida a grandiosa narração bíblica da Criação, o povo de Israel não vivia dias felizes. Uma potência inimiga tinha ocupado a terra; muitos foram deportados e agora viviam como escravos na Mesopotâmia. Já não havia pátria, nem templo, nem sequer vida social e religiosa, nada!

E no entanto, partindo precisamente da grande narração da Criação, alguém começa a encontrar motivos de ação de graças, a louvar a Deus pela existência. A oração é a primeira força da esperança. Re-



za-se e a esperança cresce, aumenta. Diria que a oração abre a porta à esperança. Há esperança, mas com a minha prece abro a porta. Porque os homens de oração preservam as verdades básicas; são eles que repetem, antes de tudo a si mesmos e depois aos demais, que esta vida, não obstante todas as suas fadigas e provações, apesar dos seus dias difíceis, está cheia de uma graça da qual se admirar. E, como tal, deve ser sempre defendida e salvaguardada.

Os homens e as mulheres que oram sabem que a esperança é mais forte do que o desânimo. Acreditam que o amor é mais poderoso do que a morte, e que certamente um dia há de triunfar, nem que seja em tempos e modalidades que não conhecemos. Os homens e as mulheres de oração trazem clares de luz refletidos no rosto, pois até nos dias mais escuros o sol não deixa de os iluminar. A oração ilumina-te: ilumina a tua alma, ilumina o teu coração e ilumina o teu rosto. Até nos momentos mais sombrios, mesmo nos momentos de maior dor.

Todos nós somos portadores de alegria. Já pensastes nisto? Que és um portador de alegria? Ou preferes levar más notícias, que entristecem? Todos nós somos capazes de transmitir alegria. Esta vida é o dom que Deus nos concedeu: e é demasiado breve para ser vivida na tristeza, na amargura. Louvemos a Deus, felizes simplesmente por existir. Olhemos para o universo, contemplemos as belezas e também as nossas cruzes, e digamos: “Mas tu existes e fizeste-nos assim, para ti”. É necessário sentir esta inquietude

do coração, que leva a dar graças e a louvar a Deus. Somos os filhos do grande Rei, do Criador, capazes de ler a sua assinatura em toda a Criação; a Criação que hoje não preservamos, mas na Criação está a assinatura de Deus, que a fez por amor. Que o Senhor nos faça compreender isto cada vez mais profundamente, levando-nos a dizer “obrigado”, e este “obrigado” é uma bonita oração!

No final da catequese, antes de recitar o «Pai-nosso» e conceder a bênção, o Papa saudou os vários grupos linguísticos de fiéis que seguiam a audiência geral, entre os quais os de língua portuguesa.

Queridos fiéis de língua portuguesa, de coração saúdo a todos, com votos de que brilhe sempre nos vossos corações a luz de Jesus ressuscitado. Neste «Mês de Maria», procuremos rezar o terço todos os dias, aprendendo de Nossa Senhora a ter um olhar contemplativo diante de todos os acontecimentos da nossa vida. Que Deus vos abençoe!

Dirijo um pensamento especial aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. Subindo ao céu, Jesus Cristo deixa uma mensagem e um programa para toda a Igreja: «Ide, pois, e ensinai a todas as nações... ensinando-as a observar tudo o que vos tenho prescrito» (Mt 28, 19-20). Que o vosso ideal e o vosso compromisso consistam em dar a conhecer a palavra de salvação de Cristo, testemunhando-a na vida de todos os dias. Concedo a todos vós a minha Bênção!

NARRAÇÃO — PALAVRA DO ANO

Uma reflexão acerca das consequências do distanciamento social na nossa relação com Deus

Aquela luta contínua contra o tempo disforme

TIMOTHY RADCLIFFE

Nos dias 22 e 23 de janeiro de 2020, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde presidiu a um comitê de emergência para avaliar se um novo surto de vírus em Wuhan constituía uma emergência de saúde pública internacional. A comissão não conseguiu chegar a um acordo. No dia seguinte, 24 de janeiro, o Papa Francisco publicou a Mensagem para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais, sobre a arte da narração. O mundo estava prestes a aperceber-se de um novo flagelo global. Que histórias podemos contar face a uma pandemia?

O Papa afirma que precisamos de histórias «para que não nos percamos

Providencialmente, a mensagem do Papa começa com uma citação — «Para que possas contar e fixar na memória» (Êx 10, 2) — que faz referência direta às pragas infligidas aos egípcios. O sangue dos cordeiros nos umbrais das casas dos judeus salvou-os da última praga, a morte de todos os filhos primogênitos. As pragas da Bíblia confrontam-nos com a morte, não só como o destino inevitável de todos os seres vivos, mas também como o poder impiedoso que só o Senhor da vida e da morte pode mudar. Cada pandemia contém uma sugestão de apocalipse, do «eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia» (Ap 6, 8).

As epidemias lançaram frequentemente a sombra da morte sobre a humanidade, mas nunca antes tinham estado tão conscientes de uma ameaça global. Todos os dias leio quantas vítimas já houve em todos os países do mundo. Que história de esperança pode o cristianismo oferecer hoje face à Covid-19?

A Páscoa judaica foi uma memória das pragas que levaram à libertação dos israelitas da escravidão no Egito. Esta memória forçou o confronto do Senhor com o maior inimigo da humanidade, a morte, na noite anterior à sua tração. Esta é a história com a qual podemos encontrar o nosso ruído em tempos de calamidade. Nessa noite, tudo o que dava orientação e direção aos discípulos desabou. Tudo aquilo em que tinham colocado a sua esperança estava prestes a desmoronar-se. Diante deles só havia traição, negação, deserção, o colapso da sua pequena comunidade e a paixão e morte daquele que os chamava seus amigos. Como disseram os discípulos no caminho de Ematis: «Esperávamos que ele libertasse Israel» (Lc 24, 21). A cruz não parecia ser apenas a morte de uma pessoa, mas a própria vitória da morte.

Portanto, o gesto de Jesus de tomar o pão, abençoá-lo e declarar que era o seu corpo, e que o vinho era o seu sangue, foi um gesto cheio de esperança que ia muito além da imaginação. Não estava apenas em contraste com a sua morte no dia seguinte, mas com o reino da morte, estendendo-se até à vitória no dia da Páscoa.

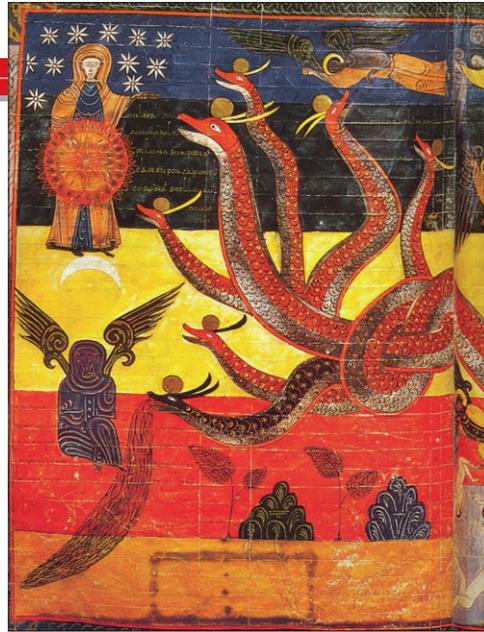
O esplendor do drama da noite passada pode ser vislumbrado em situações em que a morte lança a sua sombra escura sobre o povo durante algum tempo. Este facto surpreendeu-me pela primeira vez durante

uma visita ao Ruanda, em 1993, quando estava a iniciar o genocídio. Devia visitar as religiosas dominicanas no Norte quando o embaixador belga chegou e avisou-nos para ficarmos em casa porque o país estava a arder, mas não obstante, partimos. Depois de um dia cheio de violência, de rebeldes e soldados, de crianças mutiladas pelas minas, fui visitar as minhas religiosas dominicanas. O que poderia eu dizer no meio de tanto horror? Faltaram-me as palavras. Depois lembrei-me que tinha de reiterar uma memória e uma promessa, que desafiava a morte e prometia comunhão quando a humanidade estava dispersa. Esta é a história com que desafiamos a ameaça da peste, e é por isso que é muito triste que a maioria de nós não se possa unir para a celebrar, mas tenha de assistir online.

A mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais é um convite a recordar que, mesmo no isolamento das nossas casas, podemos manter a comunhão de formas que nunca foram possíveis no passado. Respondemos a uma crise global com uma comunhão global. As pessoas que assistem à Eucaristia diária online, no meu priorado em Oxford, são três vezes mais do que as que iam à Igreja antes da Covid-19. Estou a receber um tsunami de e-mails e telefonemas. Estou a usar o Skype e o Zoom como nunca antes.

No entanto, o isolamento físico consome a nossa humanidade. Precisamos do nutrimento do rosto dos outros e do apoio de um toque suave. Se formos privados disto, a nossa humanidade morre de fome. Os avós não podem abraçar os seus netos e nós encontramos-nos separados de pessoas que amamos. Zoom e Skype não são suficientes. Como podemos suportar tudo isto?

A história da Última Ceia conta uma comunhão nascida do isolamento sempre profundo de Jesus. Durante a Última Ceia ele preside a uma comunidade que já está a desmoronar-se. No jardim do Getsêmani, os seus discípulos dormem enquanto ele luta sozinho para enfrentar o seu destino. Ele é uma figura solitária quando se confronta com o julgamento dos sumos sacerdotes e de Pôncio Pilatos, e depois alcança a extrema solidão da cruz, agravada de forma indescritível pela multidão que grita. Por conseguinte, uma forma de suportar o isolamento imposto a bilhões de pessoas é participar na solidão de



Miniatura tirada de um código do «Comentário ao Apocalipse do Beato de Liébana (séc. XI)

Jesus, que a suportou para que nele pudessemos pertencer uns aos outros.

No Ruanda e, mais recentemente, na Síria, diretamente da frente do Eii, foi-me revelada a esperança significativa da nossa simples história eucarística. Esta é a narração que nenhuma pestilência pode subverter. No entanto, para milhões de pessoas que vão à missa, é considerada simplesmente aborrecida. Para muitos não alimenta a imaginação, é apenas um triste dever a suportar.

É paradoxal que das histórias mais populares do século XX, *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, seja uma exploração da sua fé na Eucaristia. Pouco antes da primeira comunhão do seu filho Michael escreveu-lhe: «Propoño-te a única coisa grande a amar na terra: os Sagrados Sacramentos. Neles encontrarás aventura, glória, honra, fidelidade e o verdadeiro caminho para todo o teu amor nesta terra». Parece estranho que um romance que tenha tocado a imaginação do mundo seja eucarístico, enquanto a própria Eucaristia muitas vezes não o faz. Como pode tornar-se evidente a beleza da sua narração?

O Papa Francisco identifica o heroísmo como uma característica das histórias envolventes: «As histórias de todos os tempos têm um "tear" comum: a estrutura prevê "heróis" — mesmo do dia a dia — que, para encalar um sonho, enfrentam situações difíceis, combatem o mal movidos por uma força que os torna corajosos, a força do amor. Mergulhando dentro das histórias, podemos voltar a encontrar razões heroicas para enfrentar os desafios da vida». *O Senhor dos Anéis* é a história de pequenos seres que se movem lentamente, que temem a aventura mas que se

tornam heróis.

Se conseguirmos ver o drama da nossa Eucaristia como uma história de heroísmo, ela poderá acender a nossa imaginação. Surgem imediatamente na minha mente dois exemplos. O primeiro é a antiga composição poética inglesa *The Dream of the Rood*, que provavelmente remonta ao século VII. Retrata Jesus como "um jovem herói" que sobe à cruz para lutar como um cavaleiro. O segundo é o filme *Homens de Deus* (título original: *Des hommes et des dieux*), dirigido por Xavier Beauvois, que venceu o Grande Prémio do Festival de Cannes em 2010. Surpreendeu a imaginação de milhões de pessoas porque é a verdadeira história de alguns tímidos monges comuns que se tornam heróis. Conta as vicissitudes de uma pequena comunidade de monges trapistas na Argélia nos anos go do século passado, que se veem esmagados por uma onda crescente de violência. Devem permanecer e correr o risco de morrer ou partir? A cena mais comovedora é a sua Última Ceia. O idoso irmão Luc pega em duas garrafas de vinho e põe a música do *Lago dos Cisnes* no gramofone. Nem uma palavra é dita. Só vemos os seus rostos, cheios de tristeza pelo sofrimento que os espera e alegria porque todos eles participarão na história dos últimos dias do seu Senhor. É a beleza absoluta de um heroísmo eucarístico silencioso e despretensioso.

Como podemos viver a situação atual de forma heroica e tocar assim a imaginação dos nossos contemporâneos? Durante as pragas do passado, por exemplo a Peste Negra, os cristãos saíram e serviram os doentes, arriscando-se a morrer. Os he-

Entrevista ao cardeal Cláudio Hummes

Uma luz a seguir no pós-emergência

MARCELO FIGUEROA

Os efeitos da pandemia sobre as populações mais frágeis da Amazônia, a relação entre o homem e a Criação, a contribuição da *Laudato si'* para a edificação de um novo modelo económico e social são alguns dos temas abordados nesta entrevista concedida pelo cardeal Cláudio Hummes, prefeito emérito da Congregação para o clero.

Que impacto teve esta pandemia na vida das populações do Brasil, no Continente latino-americano e, sobretudo, na Amazônia?

O impacto foi e ainda é devastador, e continua a suscitar grandes incertezas para o futuro. Além disso, há grande angústia e sofrimento por causa das inúmeras mortes no âmbito do colapso do sistema de saúde. Os povos indígenas sentem-se particularmente ameaçados, porque têm um sistema imunitário mais frágil e convivem em contato mais estreito uns com os outros, além de serem esquecidos e abandonados pelos governos no que diz respeito aos cuidados de saúde.

Pode oferecer-nos algumas reflexões sobre a relação social, cultural, económica e ambiental entre esta pandemia e os postulados da *Laudato si'*?

Um dos conceitos centrais da *Laudato si'* é a ecologia integral, a qual demonstra que tudo está interligado. Esta interligação sobressai claramente na manifestação da pandemia da Covid-19, por exemplo, entre a intervenção humana predatória e devastadora sobre a natureza e a reação da natureza ferida, entre a salvação das vidas e a salvação da economia, entre a política que deve assistir todos da mesma maneira e a atenção especial aos mais frágeis e socialmente desfavorecidos, como os povos indígenas e os pobres em geral.

Nesta Páscoa muitas pessoas não puderam receber o sacramento da reconciliação. Dois meses após a publicação da mensagem, o Papa exortou os fiéis a confessarem os seus pecados a Deus, na ausência de um sacerdote. Isto não tem necessariamente de ser uma declamação de pecados, mas, como sugere a mensagem do Papa, uma narração da própria história a Deus, com os seus dramas, fracassos e triunfos. São Tomás de Aquino, no seu *Scriptum super librum vi Sententiarum*, vai mais longe e afirma que quando não há sacerdote, se pode confessar os pecados a outro leigo, que não pode dar a absolvição, mas que é uma espécie de ministro do sacramento "por necessidade". Portanto, nesta crise, todos nós podemos representar o ouvido misericordioso de Deus, participando no drama da vida dos outros, tranquilizando-nos uns aos outros quanto à vitória final do amor.

Com base na sua visão pastoral e pós-sinodal, na sua opinião quais serão as linhas do ministério cristão nos próximos tempos?

É difícil prever como vai ser a situação do pós-pandemia. No entanto, todo o processo de preparação e realização do Sínodo para a Amazônia mostrou como será importante uma Igreja aliada e próxima das comunidades e das pessoas. Isto será ainda mais válido depois da devastação causada pela pandemia. Será necessário reconhecer verdadeira e concretamente a importância da preservação da criação como "novo caminho" da Igreja, especialmente na Amazônia. Outra urgência consistirá em suscitar a consciência de que a família humana deve ser solidária, reconhecer os seus limites e as suas fragilidades, não apostar no mito de um progresso ilimitado, prescindindo de Deus.

Podemos pensar que começa uma nova era social, económica, política e humana, com conceitos e guias de valores contraditórios? Se for assim, como vê o papel do pontificado de Francisco nesta nova era?

Provavelmente num primeiro período pós-pandemia a humanidade será mais solidária e menos predatória e gananciosa, como aconteceu no pós-guerra. Mas parece que a história ensina que tais períodos são um parêntese, e pouco a pouco a humanidade esquece e recupera toda a sua sede de posse e poder. O Papa Francisco será uma luz, tanto religiosa como política e cultural, que nos guiará nesta reconstrução pós-pandemia. A *Laudato si'* é uma das luzes que Francisco acendeu. O Papa repete sempre que não devemos permitir que nos roubem a esperança e que Deus nos surpreenda sempre de maneira positiva, porque nos ama incondicionalmente e vem ao nosso encontro para nos encorajar e para nos libertar do mal.



[...], histórias que nos ajudem a encontrar as nossas raízes e a força para irmos em frente juntos». As nossas histórias, comunitárias e individuais, forjam o nosso sentido do tempo, para que possamos navegar com esperança rumo a um futuro. Mas, neste tempo de confinamento, os calendários habituais que nos dão uma noção do futuro estão a falhar. As reuniões familiares, para casamentos e funerais, não são possíveis; não nos podemos reunir para celebrar as grandes solenidades do ano litúrgico; até o calendário desportivo já não nos dá um sentido de expectativa. O nosso tempo tornou-se disforme. Uma pandemia deixa-nos sem qualquer orientação. Precisamos de histórias que moldem as nossas vidas numa época de calamidade.



Uma cena do filme «Des hommes et des dieux» de Xavier Beauvois (2010)

ROBERTO CETERA

Não existe em Roma um ambiente mais internacional do que o dos ateneus pontifícios. Todos os anos, das dioceses do mundo inteiro, centenas de jovens clérigos e leigos vêm à cidade eterna para iniciar um caminho de estudos acadêmicos, teológicos e não só. Muitas vezes são percursos relacionados com o segundo e terceiro ciclos de estudos (licenciaturas e doutoramentos), mas não é raro os estudantes que também obtêm o bacharelado nas universidades de Roma, hospedando-se muitas vezes nos diversos colégios pertencentes aos países de proveniência. Por esta razão, o imprevisto surto da pandemia perturbou a vida destes ambientes mais do que em qualquer outro lugar. Quando chegou o lockdown, os exames da sessão de inverno tinham terminado há algumas semanas e as aulas do segundo semestre tinham acabado de começar. Qual foi a reação das universidades católicas? E, sobretudo, o que estão a planejar, e como se estão a preparar para o próximo ano académico?

«Diria que a reação foi pronta e positiva para todas as realidades», explica o padre Mauro Mantovani, Reitor do Ateneu Salesiano e presidente da Cuiipro (Conferência dos Reitores das universidades e institutos pontifícios de Roma, que coordena as 22 realidades académicas presentes, nove das quais são universidades). E é significativo que este resultado positivo venha precisamente do Reitor da universidade mais atingida pelo vírus: 62 contagiados, alguns hospitalizados e o padre Gregorio Jaskot que perdeu a vida. Mas é evidente, pelas palavras do Reitor, que a dor pela perda de um precioso irmão não dimi-



Nos ateneus pontifícios está tudo pronto para o novo ano académico

Aulas online, acolhimento, organização

Também durante o lockdown, ninguém ficou para trás

nui a vontade de reagir e regressar o mais rapidamente possível à missão inspiradora da universidade. «Iniciámos imediatamente o ensino à distância, reforçados pelo facto de termos experimentado já há algum tempo formas de ensino digital. Por outro lado, a nossa universidade é também conhecida pelo seu curso superior em Ciências das comunicações sociais. Mas sabemos bem que o melhor das tecnologias nunca poderá substituir o valor da relação educativa com a presença dos alunos, o que se explica também pelas recentes indicações dadas pela Congregação para a Educação católica, no passado dia 7 de maio. Compreender-se-á bem que, para os filhos de Dom Bosco, a diferença entre a simples aprendizagem e o processo educativo é algo que pertence ao nosso

Adn. Nós, como se sabe, também oferecemos cursos, por assim dizer, de licenciatura “leiga” em psicologia, pedagogia, ciências da comunicação, por conseguinte também temos um grande número de estudantes leigos. Durante o período da Páscoa, quisemos distribuir um questionário a todos os nossos alunos para acompanhar a sua adaptação a estas formas extraordinárias de aprendizagem, e devo dizer que os resultados foram muito encorajadores. Seguindo a tradição de que a nossa faculdade de Psicologia é uma das mais prestigiosas de Itália, ativámos também um serviço de apoio psicológico aos nossos alunos e às suas famílias, conscientes dos danos psicológicos conexos e generalizados que o vírus está a propagar.

Quanto ao próximo ano letivo já temos o *Ordo* pronto, que está em plena continuidade com os anos precedentes, todos os cursos estão confirmados. Planeamos como se as aulas pudessem ser assistidas, mas se tal não for possível trabalharemos com a flexibilidade da atividade online, fortalecidos pela experiência destes últimos meses. Do mesmo modo, se houver alunos que ainda não puderem estar presentes em Roma em outubro, certamente que os aceitaremos; eles poderão acompanhar em vídeo as aulas que serão dadas na sala. Sem dúvida, não deixaremos ninguém para trás. Penso que a utilização da multimídia no ensino, mesmo quando a situação voltar ao normal, continuará a tornar as nossas aulas mais ricas e estimulantes. A única verdadeira preocupação neste momento é a dos vistos e das autorizações de entrada para os estudantes extracomunitários, esperamos que haja uma sensibilidade particular por parte do governo para este aspeto; mas repito que mesmo que alguns estudantes não consigam chegar em outubro, serão contudo acompanhados. Um aspe-

to que gostaria de salientar na qualidade de Presidente da Conferência de reitores é que nunca antes se registou uma colaboração tão forte entre todos os ateneus pontifícios de Roma. E é uma riqueza que não se perderá. «Agradeço a L'Osservatore Romano que nos dá esta oportunidade de lançar uma mensagem a todos os seus leitores, especialmente bispos e superiores maiores: não tenhais medo de enviar normalmente no próximo ano para Roma clérigos, seminaristas, noviços e leigos: será garantida a segurança da saúde e o normal alto nível dos currículos que todas as nossas universidades oferecem».

«Na Gregoriana, a situação não é muito diferente, exceto no respeitante ao número mais elevado de estudantes estrangeiros, na sua maioria residentes em colégios nacionais. No total são quase 75% dos nossos 2800 estudantes», disse o padre Mark A. Lewis, vice-reitor da prestigiosa instituição académica, «mas poucos regressaram aos seus países quando a pandemia iniciou», e acrescenta que:

«No final de fevereiro, quando a situação começou a agravar-se, estabelecemos três objetivos: a máxima atenção e cuidado com as condições de saúde dos nossos funcionários e estudantes; a ativação imediata do ensino à distância e o envio telemático de todo o material didático necessário para prosseguir os estudos; o compromisso de não alterar o calendário universitário, confirmando também as datas das avaliações tanto de grau como de aproveitamento, online ou em presença. Procurámos digitalizar o máximo de material possível para remediar a impossibilidade de acesso à biblioteca. A nossa biblioteca é constituída por cerca de meio milhão de livros. As nossas três salas de leitura serão reabertas a partir de 18 de maio com uma capacidade



Nos ateneus pontifícios está tudo pronto para o novo ano académico

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

de um terço, ou seja, 75 lugares que podem ser reservados online. Com satisfação podemos dizer que toda a secção revistas está agora acessível online, e isto é de grande ajuda especialmente para os nossos alunos de doutoramento. Em suma, estamos satisfeitos com a nossa capacidade de reação», prossegue o padre Mark. «A programação para o próximo ano também está a correr bem: confirmámos a inauguração do ano académico a 5 de outubro e estamos bem equipados para prosseguir com um sistema misto online e presencial. Modificámos a logística das salas de aulas para permitir o distanciamento social. E estamos a registar as aulas preparatórias de língua italiana para os calouros, para que possam chegar aos cursos já com conhecimentos básicos. Isto especialmente no caso de as chegadas a Roma tiverem que ser adiadas devido ao problema dos vistos. Estamos também a coordenar-nos com os principais colégios nacionais onde a maioria dos nossos alunos geralmente se hospeda, de modo a que também eles estejam prontos para o recomeço anual. Estamos a manter os mesmos preços deste ano, mas esperamos que na incerteza económica global não diminua o fluxo vital de bolsas de estudo que *Propaganda fide* e outras fundações caritativas proporcionam aos nossos estudantes». O reitor da Gregoriana, padre Nuno da Silva Gonçalves, não tem hesitações: «Estaremos certamente preparados para acolher e acompanhar tanto os estudantes que estarão em Roma como aqueles que não poderão chegar devido a dificuldades nas viagens internacionais ou vistos. Não deixaremos ninguém para trás nem sozinho».

No esplêndido cenário do Aventino, o ateneu de Santo Anselmo destaca-se como uma fortaleza visível de grande parte do centro histórico de Roma. O professor Bernhard Eckerstorfer, monge beneditino austríaco, é o reitor do Ateneu *Anselmianum* que, juntamente com as faculdades de Teologia e Filosofia, é famoso pelo Pontifício instituto litúrgico e pelo Instituto de espiritualidade monástica. A sua energia marcadamente pró-ativa não esconde uma surpresa discreta perante os acontecimentos: «Compreende? Fui nomeado reitor deste Ateneu a 16 de dezembro passado. Cheio de projetos e de novas ideias na cabeça. Apenas algumas semanas a observar e a conhecer os professores, e esta pandemia abate-se sobre nós! Mas posso garantir-vos que nenhum dos projetos de desenvolvimento do ateneu que temos em mente será posto de lado». «Embora Santo Anselmo seja a universidade pontifícia que tem um grande número de estudantes estrangeiros em Roma, estou muito confiante de que não teremos desistências». A nossa instituição é simultaneamente ateneu e colégio, acolhemos no estilo de vida monástica cerca de 120 dos quase 700 alunos matriculados. Sabe? Sinto-me muito orgulhoso: nenhum dos nossos alunos deixou o colégio por



causa do coronavírus! E isto devido à nossa especificidade: a *stabilitas monastica*. O que, neste caso, não é apenas um estilo de vida espiritual, mas também uma garantia de segurança de saúde. Ninguém sai da abadia a não ser por necessidade absoluta, garantindo ao mesmo tempo um ambiente de vida satisfatório e estimulante. Pelo contrário, começamos a receber pedidos de inscrição para o próximo ano condicionados precisamente à estadia no colégio. Bispos, abades e superiores sentem-se tranquilos ao saber que os seus alunos permanecerão num ambiente de estudo protegido que não requer transferências. Por outro lado, como o senhor bem sabe, em quinze séculos do monaquismo beneditino há

muitas histórias de abadias e mosteiros que têm sido formidáveis guarnições contra epidemias e pestes. Em termos concretos, começamos imediatamente a trabalhar online, reforçados pelo facto de oferecermos há já alguns anos cursos de e-learning na nossa plataforma. Contamos também muito com aulas assíncronas: no caso de os alunos não conseguirem chegar a Roma, continuam a poder seguir as aulas, independentemente do fuso horário. Por esta razão estamos a investir cerca de 7.000 euros em cada sala de aula para a equipar com câmaras e tecnologias adequadas para gravar e transmitir as aulas. E, em conformidade com os direitos de autor, estamos a procurar digitalizar o maior número possível de

textos da nossa biblioteca, que é um tesouro único de material litúrgico e monástico. Penso que, no final desta pandemia, seremos mais fortes do que antes. Estou a pensar sobretudo em dois aspetos: a multimedialidade permitir-nos-á finalmente introduzir a cultura teológica também dentro dos mosteiros de clausura de metade do mundo, e consentirá tornar as lições mais estimulantes, possibilitando intervenções externas de especialistas e “digit-visiting professor”. E depois diga-me: como é que se pode desistir de estudar teologia em Roma? Trata-se de uma experiência única na vida, irrenunciável”.

Se não se pode renunciar a Roma, imaginemos a Jerusalém. O padre Alessandro Coniglio, OFM, é professor e secretário da faculdade franciscana de estudos bíblicos na cidade santa, Sbf, ligada ao Ateneu *Antonianum* de Roma. «A nossa é uma realidade muito especializada e em pequeno número, na qual fornecemos apenas cursos de segundo e terceiro ciclos. Desde março passado, também nós só disponibilizámos aulas online e já foram defendidas três teses desta forma. O impacto da pandemia em Israel não foi tão dramático como no resto do mundo, e o país já está a reabrir. Esperamos recomeçar também em breve, porque para nós a presença é essencial, a nossa vantagem é precisamente o estudo imerso no ambiente da Terra Santa». De Roma, como de Jerusalém, a mensagem que parte acima de tudo para os bispos é a mesma: «Estamos prontos. Recomeça-se. Não tenhais medo de enviar os vossos estudantes. Com flexibilidade de instrumentos certamente, mas com a qualidade e a paixão de sempre».

Da Conferência episcopal italiana mais três milhões de euros

Intervenções a favor da África

Depois da primeira intervenção no mês passado, equivalente a seis milhões de euros, a Conferência episcopal italiana (CeI) decidiu, comunicando-o através de uma declaração, destinar mais três milhões de euros dos fundos “oito por mil” a favor dos países africanos e de outras nações pobres para os apoiar na atual crise mundial causada pela propagação da Covid-19.

«Consciente de que, devido à pandemia, a situação já dramática naqueles países pode tornar-se devastadora», lê-se no documento, a presidência da Conferência episcopal italiana encarregou o Serviço para as intervenções caritativas em benefício dos países do terceiro mundo e a Cáritas italiana «de elaborar uma estratégia de ação que permita aumentar o número de projetos, selecionando-os entre aqueles que já foram apresentados pelos hospitais e pelas instituições católicas presentes no território e considerados válidos após a primeira manifestação de interesse». Considerando a gravidade da circunstância atual, acrescenta-se, os projetos financiados deverão ser concluídos dentro de três meses depois da concessão da contribuição solicitada.

A quantia concedida soma-se às numerosas intervenções levadas a cabo pelo episcopado italiano durante o período de contágio, tais como a quantia extraordinária de duzentos milhões de euros «para ajudar a enfrentar as consequências sanitárias, económicas e sociais causadas pelo coronavírus». Mas também para apoiar organismos e associações «que trabalham para superar a emergência», assim como pessoas e fa-



mílias em situações de pobreza ou de necessidade. Antes ainda, foram destinados 16 milhões de euros às várias Cáritas, quinhentos mil euros ao Banco alimentar para a distribuição a famílias pobres e sem rendimentos, e três milhões de euros a estruturas de saúde italianas em maiores dificuldades por causa da crise. Também os âmbitos de intervenção no terceiro mundo foram beneficiados, como se afirmou, por uma dotação precedente, cuja finalidade visava apetrechar as estruturas hospitalares locais com «dispositivos de proteção para o pessoal e de instalações terapêuticas para enfrentar a pandemia», privilegiando os centros mais periféricos.

Conversa com o filósofo e jornalista jesuíta Patrick Gilger

Falar sobre a verdade com amor

LUCA M. POSSATI

«É como se Milão, em quarentena, me tivesse pedido para renunciar à versão da nossa resposta americana por medo que a pusesse em prática aqui: o esforço incansável de controlar, dominar, definir, e assim sancionar o que é realmente real e verdadeiramente verdadeiro». Assim, Patrick Gilger, um jovem jesuíta americano, sociólogo e filósofo, relata os dias da pandemia. Chegou a Milão, quando o coronavírus eclodiu com toda a sua violência, transtornando a vida quotidiana de regiões inteiras do Norte da Itália. Patrick veio à Itália para completar a sua tese e aprender a língua no Instituto Leão XIII. Adoceu e passou duas semanas em quarentena. Pedimos-lhe não só um testemunho sobre a pandemia vivida no interior de um dos seus principais epicentros, mas também uma previsão, uma perspectiva sobre o que será o “depois” da emergência, sobre o tipo de mundo que estamos prontos a construir, apesar e além do coronavírus. «A quarentena é um ato de obediência — diz ele — e devemos seguir o exemplo de Santo Inácio e começar a aceitar que não somos donos das nossas vidas».

Qual foi a sua experiência pessoal? Como viveu e está a viver a pandemia?

Há duas coisas a dizer. Na primeira fase da quarentena, aqui em Milão, houve muitas restrições. As pessoas respeitaram as regras, sem fazer reuniões. Todos levaram a quarentena a sério e não ficaram assustados. Devo dizer que para mim foi muito fácil ambientar-me. Ainda podia sair, fui visitar a catedral algumas vezes. Segui as regras, sem medo. Precisava disto para ter uma primeira impressão de Milão, que se parece um pouco com Nova Iorque. É uma cidade rica e vibrante, e há muitas pessoas que vêm de outros lugares. O segundo período da emergência foi muito diferente: nas últimas semanas só consegui sair do meu apartamento uma vez para ir aos correios buscar uma carta da minha sobrinha. Penso que é um privilégio imenso poder ficar em casa e não ser obrigado a sair; a possibilidade de viver em segurança com tudo o que serve. No Leão XIII, somos uma pequena comunidade de sete pessoas. Tem havido momentos de tensão e desânimo. Mas também houve momentos de grande solidariedade e gentileza.

Constatou diferenças entre o modo europeu de lidar com a pandemia e o americano?

Tanto na Europa como nos Estados Unidos, foram cometidos muitos erros pelos governos, e não só. Por vezes, as pessoas procuram seriamente não cometer erros, fazer tudo bem, mas nem sempre todos reagem da mesma forma. E o mesmo se aplica às instituições, que podem ter bons planos que só depois se revelam errados. Penso que uma diferença fundamental entre os Estados Unidos e a Europa é a forma como as pessoas estão a resistir à quarentena e ao confinamento. Penso que



nos Estados Unidos, infelizmente, esquecemos que, a par dos direitos e da liberdade, existem também deveres e responsabilidades sociais uns para com os outros. É verdade que há muitos americanos que obedecem às regras, mas há também muitos, demasiados, que não respeitam as regras e não confiam nos peritos. Não estou a dizer que a culpa é do governo; é um facto social. Compreendo a raiva perante a situação e o bloqueio, mas a forma de reagir com ódio é completamente errada.

O que pensa dos tumultos no Michigan, onde pessoas armadas ocuparam a sede do Parlamento para protestar contra o confinamento?

Não posso defender os Estados Unidos nesta matéria. Obviamente, a violência está errada. Responder ao confinamento desta forma, com tanta agressividade, até com armas, é horrível. Devemos ser capazes de passar da ansiedade isolada, que é a antecâmara da violência, para uma resposta partilhada e solidária. No entanto, há um ponto que considero importante salientar. A minha opinião, não só como sociólogo, mas também como católico e sacerdote, é que tem havido um défice na formação dos fiéis no respeitante à compreensão do mundo em que vivemos. Um sinal disso pode ser visto no facto de, em quase todas as eleições, o voto católico estar disperso. Não há um rumo comum. Por outras palavras, a nossa identidade política é mais forte do que a nossa identidade religiosa. Não estou a dizer que a Igreja católica americana deva necessariamente organizar um partido político de católicos, algo que seria quase impossível nos EUA. Gostaria antes que, no seio da Igreja católica norte-americana, houvesse grupos que educam, que dão formação política, que ajudam as pessoas a ver as coisas de uma certa forma, mesmo que depois sejam livres de votar como preferirem, de acordo com as suas ideias. Com isto quero dizer que temos de redescobrir uma educação do coração, e não apenas da mente. No final, continuo agostiniano: por mais clara que a nossa razão veja o mundo, os nossos corações não são controlados pela razão. Para agirmos no mundo e praticar-

mos o bem, devemos, antes de mais, educar os nossos corações.

A pandemia mudou alguma coisa na sua forma de viver a espiritualidade?

A maior parte das vezes sinto que sou como todos os outros e que os compreendo muito bem. Contudo, quando ouço as vozes daqueles que foram mais atingidos pela pandemia e compreendo quanto as suas vidas mudaram, apercebo-me de que existe uma diferença radical. Tenho o privilégio de viver todos os dias com Deus, e isto para mim hoje é evidente como nunca. Para mim, no meio desta pandemia, a oração inaciana “Suscipe Domine”, que é uma oferta de si a Deus, adquire um valor fundamental. Penso que a razão pela qual estamos a assistir a reações dramáticas ao confinamento, especialmente nos Estados Unidos, é que as pessoas já não conseguem dar e receber e, por conseguinte, odeiam que lhes seja tirado algo. Não quero dizer com isto que os americanos não sejam generosos. Sou americano e penso que os americanos são um povo muito generoso. Somos capazes de dar muito, uns aos outros, e também a outros povos. Mas, em geral, somos generosos, de acordo com as nossas regras. Somos generosos apenas com aqueles que aceitam as nossas condições. Temos de mudar a nossa atitude, e este é o momento certo para o fazer. A quarentena é um ato de obediência, uma perda de liberdade. Temos de responder, seguindo o exemplo de Santo Inácio. Ele não diz “Deus, dou-te a minha memória, a minha inteligência, etc.”. Ao contrário pede a Deus que o livre dessas coisas. A fé não é movida por um ato de decisão, mas pela aceitação da ação de Deus em nós. Isto é muito profundo. O verdadeiro agente da oração não é o homem, mas Deus. Devemos seguir este exemplo, se quisermos aprender alguma coisa com esta emergência. Não somos donos da nossa vida em todos os momentos e em todas as situações. Devemos aprender a colaborar e a dar. Sei que não sou capaz de abandonar a minha liberdade sozinho, apenas com as minhas forças. Preciso da ajuda de outros e de Deus para o fazer.

Como vai ser o “depois”? Haverá grandes mudanças sociais ou tudo ficará como antes?

Acho difícil fazer previsões neste momento. A razão é que são os seres humanos a fazer a realidade. Deus criou-nos com um propósito: descansar n’Ele, como diria Agostinho. Mas somos nós que viajamos juntos para este lugar de descanso neste mundo. Quero dizer: somos nós que construímos o sistema, que construímos o mundo em que vivemos. E temos de o fazer, somos obrigados a fazê-lo. Ninguém o pode fazer no nosso lugar. Cada grande crise apresenta à humanidade uma oportunidade para fracassar ou para progredir. Sinceramente, neste momento sou um pouco pessimista. Penso que muita gente vai usar o coronavírus para construir um mundo pior. Mais de 50 países já decidiram cancelar as eleições devido à pandemia. A democracia, a meu ver, está a tornar-se cada vez mais frágil, não estável. A radicalização e o populismo estão a prosperar em muitos países. No entanto, isto não significa que a situação seja irrecuperável. No Evangelho de João, Jesus diz: “Meu Pai age sempre, e eu também trabalho”. Toda a espiritualidade dos jesuítas se constrói ao redor deste conceito, ou seja, a importância de discernir a forma como Deus trabalha no mundo todos os dias, e de trabalhar com Ele em obediência. Deus está a trabalhar também agora, nesta pandemia. Ao discernirmos as suas ações, podemos fazer desta emergência um ponto de partida para coisas melhores.

Precisamente ontem, na missa em Santa Marta, o Papa Francisco enviou uma mensagem a todos aqueles que trabalham nos meios de comunicação social, sublinhando a importância de trabalhar sempre ao serviço da verdade. O senhor é um comunicador, um jornalista: o que pensa sobre o papel da comunicação hoje em dia?

O Papa é o verdadeiro pastor, capaz de olhar para o mundo de modo claro e ver a dor e o medo, a alegria e a esperança nos olhos das pessoas. O Papa é capaz de comunicar de uma forma tão maravilhosa através das suas palavras, do seu tom de voz, dos seus gestos, do seu olhar. Isto significa estar ao serviço da verdade. Devemos seguir todos o seu exemplo. Especialmente hoje, num momento em que o papel do jornalismo é muito delicado em todo o mundo. A transição dos velhos meios de comunicação para as novas redes sociais foi radical e dramática, criando um panorama mais fragmentado na qual cada um pensa que possui uma sua verdade. A pandemia pode também ser uma oportunidade para reformar o jornalismo e o mundo da comunicação. Isto exige um compromisso profundo dos jornalistas a falar sobre a verdade com amor, assim como exige que o público ponha a verdade acima de tudo, acima de todas as preferências. Compreendo que a realidade pode ser difícil de enfrentar, por vezes a verdade pode ser dolorosa, mas o significado profundo da Encarnação é que Deus está imerso na realidade, não separado dela.



A Repam convoca para uma ação urgente e unificada a fim de evitar uma tragédia humanitária e ambiental

Colapso estrutural na Amazônia

Uma força enorme de proporções nunca vistas está devastando a Amazônia, em duas dimensões que se combinam de forma brutal: a pandemia da Covid-19, atingindo corpos vulnerabilizados, e o aumento descontrolado da violência sobre os territórios. A dor e o grito dos povos e da terra se fundem em um mesmo clamor.

«Os povos pediram que a Igreja fosse uma aliada, uma Igreja que estivesse com eles, uma Igreja que apoiasse o que eles decidem, o que eles pretendem e de que forma eles pretendem construir o seu futuro nesse momento tão difícil da pandemia», afirmou o Cardeal Dom Cláudio Hummes.

Nos diversos países da Pan-Amazônia, a Igreja está ecoando apelos e pedidos de socorro, num contexto que ameaça a sobrevivência desse bioma e de seus povos.

Na Bolívia, os povos indígenas denunciam o governo por falta de coordenação e de consulta na prevenção e combate à pandemia; destacam, inclusive, que todas as informações não são divulgadas nos idiomas originários reconhecidos pela Constituição.

Na Colômbia, os bispos reconhecem os esforços do governo, mas ressaltam que «os indígenas, camponeses e afrodescendentes são os grupos mais em risco, porque já se encontravam em situação de pobreza estrutural, em condições de insegurança alimentar e desnutrição, sem acesso à saúde e à água potável».

A insegurança alimentar dos povos indígenas é uma preocupação também na Venezuela, onde esses povos sentem-se ameaçados pelo possível contágio por meio das atividades de mineração ilegal em seus territórios e a passagem por suas terras dos migrantes venezuelanos que voltam ao país. Os indígenas estão tomando medidas de isolamento e controle territorial, bem como de intensificação dos cultivos nos territórios locais, para garantir sua soberania alimentar.

No Brasil, 32 procuradores do Ministério Público Federal declararam que «o cenário de risco de genocídio dos povos indígenas reclama ações

emergenciais dos órgãos e entes públicos». A Mobilização Nacional Indígena afirma que há «uma evidente intencionalidade do governo de impedir que o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena funcione».

No Peru há preocupação pela situação de vários povos amazônicos – entre eles, muitos indígenas – que migraram para as cidades em busca de trabalho e se encontram totalmente desprotegidos. Os bispos da Amazônia peruana exortam as autoridades a apoiar seu retorno às comunidades e a garantir que isso se cumpra conforme os protocolos estabelecidos pelo Ministério de Saúde.

A Aliança de Parlamentares Indígenas da América Latina pede que a Organização Mundial da Saúde recomende aos países da região a priorização de medidas específicas para garantir a proteção da vida dos povos indígenas diante da grave pandemia global.

A Coordenadoria das Nações Indígenas da Bacia Amazônica (Coica) solicita contribuições para um Fundo de Emergência da Amazônia, para proteger os 3 milhões de habitantes da floresta tropical que são vulneráveis ao novo coronavírus.

A Igreja Católica, por sua parte, vem fazendo muitos esforços, particularmente por meio das Cáritas de cada região, para contribuir com recursos materiais e econômicos, bem como com a solidariedade e o apoio espiritual.

O vírus da violência e do saque da Amazônia

No ataque devastador à Amazônia outro vírus continua ameaçando os povos e a floresta. A Frente Parlamentar mista para os Direitos dos Povos Indígenas no Brasil denuncia que «mesmo quando a pandemia freia a economia, o garimpo e o desmatamento ilegal em terras indígenas do continente permanecem a todo vapor».

No Equador, a Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam) condena o rompimento do Sistema de Oleoduto Transequatorial e do Oleoduto de Crudos Pesados, ocorrido no dia

7 de abril de 2020, que provocou um grave derrame de petróleo e afetou aproximadamente 97.000 pessoas que vivem à beira dos rios Coca e Napo.

Os 67 bispos da Amazônia brasileira associam a atual crise socioambiental desse bioma ao notório afrouxamento das fiscalizações e ao contínuo discurso político do governo federal contra a proteção ambiental e as áreas indígenas protegidas pela Constituição Federal. Já se vislumbra «uma imensa tragédia humanitária causada por um colapso estrutural».

Os bispos denunciam, em particular, os projetos de lei para mineração em terras indígenas e medidas parlamentares que tentam definir uma nova regularização fundiária no Brasil, eliminando a reforma agrária, a regularização de territórios dos povos originários e tradicionais, favorecendo a grilagem de terras, o desmatamento e os empreendimentos predatórios, regularizando as ocupações ilegais feitas pelo agronegócio de mineração em terras indígenas.

A mineração preocupa também o *Policy Forum* Guyana, que denuncia que as atividades extrativas destroem a floresta e a circulação de mineiros e caminhoneiros e são um perigoso veículo de contágio para as comunidades do interior do país. A extração de ouro foi declarada atividade essencial pelo governo e, provavelmente, vai aumentar ainda, por causa da recessão provocada pela Covid-19 e do aumento do preço mundial deste metal.

Ao comentar o aumento preocupante da violência no campo, a Comissão Pastoral da Terra do Brasil (CPT Nacional) afirma que, em 2019, a grande maioria dos assassinatos por conflitos rurais no país (84%) aconteceram na Amazônia.

Por estas denúncias, em vários contextos da Pan-Amazônia a Igreja vem sendo caluniada e atacada, como aconteceu recentemente com as vergonhosas e infundadas acusações, que repudiamos, da Fundação Nacional do Índio (Funai – órgão do governo federal brasileiro) contra o Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Ação global em defesa da Amazônia

O cuidado das pessoas e o cuidado dos ecossistemas são inseparáveis.

Encontramo-nos num momento decisivo para a Amazônia e para o mundo, tempo de gestação de novas relações inspiradas na ecologia integral, ou de definitivo enterro dos sonhos do Sínodo, se o medo, os interesses econômicos, a pressão dos detentores dos grandes capitais deixarem que se imponha cada vez mais forte o modelo desta «economia que mata» (EG 53).

O Papa Francisco faz um chamado urgente à solidariedade planetária: «Este não é o tempo da indiferença (...), do egoísmo (...), da divisão (...), do esquecimento. Que a crise que estamos afrontando não nos faça deixar de lado tantas outras situações de emergência que trazem consigo o sofrimento de muitas pessoas».

José Gregorio Díaz Mirabal, membro do povo Wakuena Kurripako, originário da Amazônia venezuelana e coordenador-geral da Coica, resume: «É um apelo dos povos indígenas da Amazônia, porque estão nos ignorando».

A Repam chama a uma ação unitária os povos indígenas amazônicos, a sociedade civil da Pan-Amazônia e do mundo, a Igreja Católica e todas as denominações religiosas preocupadas para com o cuidado da Criação, os governos, as instituições internacionais de direitos humanos, a comunidade científica, os artistas e todas as pessoas de boa vontade, para juntarem esforços em defesa da «Amazônia querida, com todo o seu esplendor, o seu drama e o seu mistério» (QA 1).

CARD. CLÁUDIO HUMMES, OFM
Presidente

CARD. PEDRO BARRETO JIMENO, SJ
Vice-presidente

MAURICIO LÓPEZ O.
Secretário Executivo

Por lazer e por missão

Rádio Sol Mansi na Guiné-Bissau



ENRICO CASALE

O calor é forte no arrozal. Uma brisa leve move ligeiramente a água. As camponesas estão curvadas a remover as ervas daninhas que poderiam comprometer a colheita. Um pequeno dispositivo transistor emite um ruído que mal se ouve. Mas as jovens não poderiam dispensá-lo. Aquele pequeno rádio, comprado num mercado de produtos usados da cidade, é para elas um companheiro indispensável, um amigo fiel que as acompanha nos seus esforços diários. Ajuda-as a manter-se informadas graças aos noticiários radiofônicos, a distrair-se com alguma música ou até com um sit-com, a refletir e, por que não, também a rezar. Na Guiné-Bissau não é difícil deparar-se com um cenário semelhante a este. Tanto aqui, como noutras partes da África, onde a televisão e os computadores são bens de luxo que muitos não podem possuir, a rádio constitui um ponto fixo na vida. Especialmente para as pessoas mais humildes. E na Guiné-Bissau, quando falamos de rádio, falamos da Rádio Sol Mansi. É a principal estação de rádio particular do país e compete com a rádio pública nacional pela preferência dos ouvintes.

«Hoje — explica Alessandra Bonfanti, missionária da Imaculada, do Pime, vice-diretora da rádio — somos uma realidade nacional. As nossas frequências podem ser alcançadas em todo o país, graças a três antenas (uma no leste, uma no sul e a terceira no norte) e aos nossos três escritórios (Bissau, a capital, Mansôa e Bafatá). Um sucesso alcançado com muito trabalho e isto parece incrível quando se pensa no modo como a aventura começou». A Rádio Sol Mansi nasce num dos momentos mais delicados da história da Guiné-Bissau. Estamos em 2001 e o país começa a sair de uma guerra civil sangrenta. Dois anos de inferno, que mergulharam uma das nações mais pobres e atrasadas do mundo nas profundezas da violência e do desespero. Durante os longos meses de conflito, os meios de comunicação social locais nada mais fi-

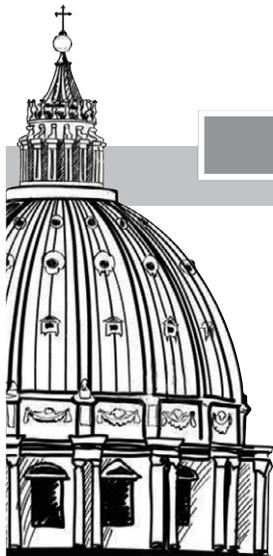
zaram do que transmitir mensagens de ódio, fomentando a violência. Em Mansôa, o padre Davide Sciocco, missionário do Pime, começou a pôr em questão o papel desempenhado pelos meios de comunicação social. Se os mass media, interroga-se o sacerdote, tiveram um papel tão importante na promoção do mal, por que razão não podem ser utilizados positivamente, para promover o bem? Por que não criar uma emissora, mesmo que seja pequena, que possa transmitir mensagens de paz?

Entre inúmeros obstáculos e dificuldades, o padre Davide dá vida a um pequeno estúdio precisamente em Mansôa. Transmite apenas algumas horas por dia. Os seus programas apostam na informação e, acima de tudo, na formação. Obviamente também na música, muita música e alguns programas de entretenimento. «Naquele altura, as frequências eram fracas», recorda a irmã Alessandra, «e o sinal chegava só ao território da missão, ou pouco mais». Mas as pessoas apaixonaram-se imediatamente. Todos a ouviam e apreciavam a sua carga positiva, a mensagem a favor da paz, da convivência e do diálogo. Desde os primeiros anos, o padre Davide e os seus colaboradores procuraram construir pontes, inclusive com as demais comunidades religiosas. E encontraram imediatamente o favor dos muçulmanos, mas também das Igrejas evangélicas». A Rádio Sol Mansi, lentamente e no meio de mil esforços, cresce. E progressivamente esta pequena realidade missionária continua a estruturar-se. O sinal torna-se cada vez mais forte e chega a todas as províncias da Nação. São também estabelecidos relacionamentos com as estações de rádio locais, que relançam os programas mais populares.

«Agora — sublinha a vice-diretora — é uma estação de rádio interdiocesana. É propriedade das dioceses de Bissau e Bafatá. O diretor é Casimiro Jorge Cajucam, um leigo, e agora os funcionários são cerca de trinta. Além disso, podemos contar também com uma rede de aproximadamente quarenta voluntários, que nos fornecem notícias constantemente atualizadas. As pes-

soas consideram-nos uma fonte muito influente. «Se a Rádio Sol Mansi o diz, é verdade», ouve-se dizer. E para nós é um motivo de alegria e, permiti-me que vos diga, também de orgulho». Tal como no passado, o calendário da programação mistura sensatamente informação, entretenimento, formação (da agricultura à educação alimentar, da luta contra a Sida à promoção das mulheres) e reflexão. «Nestes tempos de coronavírus», observa Bonfanti, «desempenhamos um grande trabalho para sensibilizar as pessoas sobre as questões de higiene, as regras para evitar o contágio, o respeito pelas distâncias». Transmitimos frequentemente anúncios publicitários e programas informativos. Criamos também uma espécie de espetáculo teatral sobre a Covid-19, a fim de alcançar as pessoas mais humildes e menos instruídas. Além disso, do ponto de vista educativo, trabalhamos muito sobre o tema da emigração. Neste caso, dirigimo-nos aos mais jovens, explicando-lhes os riscos que correm na longa e perigosa viagem rumo à Europa».

No entanto, a Rádio Sol Mansi não renuncia à linha de diálogo que sempre a caracterizou. Ainda hoje emite programas inter-religiosos e dá espaço a programas dedicados às Igrejas reformadas e ao mundo muçulmano. «O do diálogo — conclui a religiosa — representa um ponto fixo. A emissora nasceu para incentivar o encontro e estamos felizes que os ótimos relacionamentos com os outros credos continuem ao longo do tempo. Entre as rádios que relançam os nossos programas encontra-se também a estação de rádio corânica de Mansôa. Os muçulmanos apreciam muito o programa “Dez minutos com Deus”, conduzido pelo padre Sciocco. As suas reflexões inspiram-se em histórias comuns e oferecem sempre uma moral, compartilhada por todos. Deste modo, a rádio torna-se um instrumento de crescimento humano para o população da Guiné-Bissau». Um instrumento do qual as pessoas não se separaram, nem sequer quando vão trabalhar no campo.



INFORMAÇÕES

Arquidiocese de Anchorage com a Diocese de Juneau.

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 16 de maio

Bispo de Fajardo-Humacao (Porto Rico), o Rev.^{do} Pe. Luis Miranda Rivera, O. CARM., até agora Vigário episcopal do setor pastoral San Juan – Santurce e Pároco de “Santa Teresita”, na Arquidiocese de São João de Porto Rico.

D. Luis Miranda Rivera, O. CARM., nasceu no dia 24 de janeiro de 1954, em Santurce (Porto Rico), e foi ordenado Presbítero carmelita em 14 de setembro de 1984.

Bispo Auxiliar da Arquidiocese Metropolitana de Portoviejo (Equador), o Rev.^{do} Pe. Vicente Horacio Saeteros Sierra, do clero da mesma Sede, até hoje Vigário-Geral e Pároco da Catedral, simultaneamente eleito Bispo Titular de Rusuccuru.

D. Vicente Horacio Saeteros Sierra nasceu em Santa Ana, Arquidiocese de Portoviejo, no Equador, a 6 de abril de 1968, e recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 25 de março de 2000.

No dia 19 de maio

Primeiro Arcebispo da nova Sede Metropolitana de Anchorage-Juneau

(Estados Unidos da América), D. Andrew Eugene Bellisario, C.M., até à presente data Bispo de Juneau e Administrador Apostólico de Anchorage.

Santuário de Fátima

Um site por semana



FABIO BOLZETTA

«O recinto do Santuário estava vazio mas não deserto». A Comemoração da Virgem Maria de Fátima, no aniversário da primeira aparição aos três pastorinhos, a 13 de maio de 1917, foi vivida este ano sem a presença física dos fiéis. Após a consagração de Portugal e Espanha, a 25 de março, ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, o site do santuário informou, nas sete línguas em que cada página é publicada, da decisão de suspender a tradicional peregrinação internacional no contexto da pandemia da Covid-19.

No portal, na noite de 12 de maio, o Terço com a procissão de velas e no seguinte dia 13, a celebração da missa internacional foram transmitidas ao vivo. Presidindo-a, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, o bispo de Leiria-Fátima, cardeal António Augusto dos Santos Marto, dirigiu uma mensagem a todos os peregrinos, também publicada no site, para “uma peregrinação interior” em busca de “conforto espiritual e paz” no encontro do peregrino “com a Mãe do Céu e o mistério de Deus” a fim de “continuar a caminhar com a força da esperança”.

www.fatima.pt

RESCRIPTUM EX AUDIENTIA SS.MI

Considerando a necessidade de garantir uma organização mais racional da informação económica e financeira da Santa Sé e de informatizar os modelos e os procedimentos subjacentes, de maneira a garantir a simplificação das atividades e a eficácia dos controles, uma vez que são fundamentais para o funcionamento correto dos Organismos da Cúria Romana;

tendo em conta a função exercida com esta finalidade pelo Gabinete denominado Centro de Processamento de Dados (CPD), atualmente inserido na Administração do Património da Sé Apostólica (APSA);

o Sumo Pontífice Francisco

dispôs o seguinte

1. A responsabilidade pelo CPD seja transferida da APSA para o Secretariado da Economia (SPE), segundo os termos estabelecidos pelo Memorando de Entendimento assinado entre a primeira, representada pelo Presidente, D. Nunzio Galantino, e a segunda, representada pelo Prefeito, Padre Juan Antonio Guerrero, S.J.;

2. os Oficiais e o pessoal em funções e adido ao CPD passem da dependência da APSA para a da SPE, com a exceção daqueles que, de comum acordo e para maior conveniência, puderem permanecer sob a dependência da APSA;

3. o Prefeito da SPE preveja a reorganização do serviço, garantindo à APSA quanto lhe for necessário para o cumprimento das suas funções institucionais.

O Santo Padre estabeleceu que a presente disposição seja promulgada mediante a publicação em *L'Osservatore Romano* de 20 de maio próximo, entrando em vigor no dia 1 de junho de 2020.

Vaticano, 11 de maio de 2020.

Pietro Card. Parolin
Secretário de Estado

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 13 de maio

D. Gérard Dionne, Bispo Emérito de Edmundston, no Canadá.

O venerando Prelado nasceu a 19 de junho de 1919, em Saint-Basile (Canadá). Recebeu a Ordenação presbiteral em 1 de maio de 1948 e foi ordenado Bispo no dia 8 de abril de 1975.

A 14 de maio

D. Czesław Stanula, Bispo Emérito de Itabuna, Bahia (Brasil).

O saudoso Prelado nasceu em Sierzyń, na Polónia, a 27 de março de 1940. Foi ordenado Sacerdote da Congregação do Santíssimo Redentor (Redentoristas) em 19 de julho de 1964 e partiu para o Brasil como Missionário a 12 de abril de 1972. Recebeu a Ordenação episcopal no dia 5 de novembro de 1989 e renunciou ao governo pastoral da sua Diocese a 1 de fevereiro de 2017. As suas exéquias foram celebradas em 15 de maio, no Cemitério Jardim da Saudade em São Salvador da Bahia.

A 18 de maio

D. Vincent Malone, ex-Bispo Auxiliar de Liverpool, no Reino Unido.

O saudoso Prelado nasceu a 11 de setembro de 1931, em Liverpool (Reino Unido). Recebeu a Ordenação presbiteral em 18 de setembro de 1955 e foi ordenado Bispo episcopal no dia 3 de julho de 1989.

REGINA CAELI

No Dia mundial das comunicações sociais

Ano especial no quinto aniversário da «Laudato si'»

Proximidade e apoio aos católicos chineses

Os católicos chineses são «parte integrante» da Igreja universal, a qual «partilha... as suas esperanças» e os «ampara nas provas da vida», afirmou o Papa no final do Regina caeli de domingo, 24 de maio, data em que a Igreja em alguns países celebra a solenidade da Ascensão, à qual Francisco dedicou a reflexão que precedeu a antífona mariana recitada da Biblioteca particular.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, em Itália e noutros países, celebra-se a solenidade da Ascensão do Senhor. O trecho evangélico (cf. Mt 28, 16-20) mostra-nos os Apóstolos reunidos na Galileia, «no monte que Jesus lhes tinha indicado» (v. 16). Aqui tem lugar o último encontro do Senhor Ressuscitado com os seus na montanha. A «montanha» tem uma forte carga simbólica e evocativa. Numa montanha, Jesus proclamou as Bem-aventuranças (cf. Mt 5, 1-12); nas montanhas, retirou-se para rezar (cf. Mt 14, 23); ali acolheu as multidões e curou os doentes (cf. Mt 15, 29). Mas desta vez, na montanha, já não é o Mestre que age e ensina, mas o Ressuscitado que pede aos discípulos para agir e proclamar, confiando-lhes o mandato de continuar a sua obra.

Investe-os da missão junto de todos os povos. Ele diz: «Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (vv. 19-20). Os conteúdos da missão confiada aos Apóstolos são estes: proclamar, batizar, ensinar e percorrer o caminho traçado pelo Mestre, ou seja, o Evangelho vivo. Esta mensagem de salvação implica antes de mais o dever do testemunho - sem testemunho não se pode anunciar - ao qual também nós, discípulos de hoje, somos chamados, para dizer a razão da nossa fé. Face a uma tarefa tão exigente, e pensando nas nossas fraquezas, sentimo-nos inadequados, como certamente se sentiram os próprios Apóstolos. Mas não devemos desanimar, recordando as palavras que Jesus lhes dirigiu antes de subir ao Céu: «E Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (v. 20).

Esta promessa assegura a presença constante e consoladora de Jesus entre nós. Mas como se realiza esta presença? Através do seu Espírito, que leva a Igreja a caminhar

na história como companheira de viagem de cada homem. Este Espírito, enviado por Cristo e pelo Pai, opera a remissão dos pecados e santifica todos aqueles que, arrependidos, se abrem com confiança ao seu dom. Com a promessa de permanecer connosco até ao fim dos tempos, Jesus inaugura o estilo da sua presença no mundo como Ressuscitado. Jesus está presente no mundo mas com outro estilo, o estilo do Ressuscitado, ou seja, uma presença que se revela na Palavra, nos Sacramentos, na ação constante e interior do Espírito Santo. A festa da Ascensão diz-nos que Jesus, embora tenha subido ao Céu para habitar gloriosamente à direita do Pai, está ainda e sempre entre nós: disto deriva a nossa força, a nossa perseverança e a nossa alegria, precisamente da presença de Jesus entre nós com o poder do Espírito Santo.

Que a Virgem Maria acompanhe a nossa viagem com a sua proteção materna: dela aprendemos a doçura e a coragem de sermos, no mundo, testemunhas do Senhor Ressuscitado.

Depois do Regina caeli e da sucessiva prece pela China, o Pontífice recordou o Dia mundial das comunicações sociais, dirigiu um pensamento à família salesiana no dia de Maria Auxiliadora, saudou a comunidade diocesana de Acerra - que por causa da pandemia não pôde visitar como estava programado - e por fim relançou a iniciativa do Ano especial proclamado para celebrar o quinto aniversário da «Laudato si'».

Amados irmãos e irmãs!

Unamo-nos espiritualmente aos fiéis católicos na China, que hoje celebram, com particular devoção, a festa da Santíssima Virgem Maria, Auxílio dos Cristãos e Padroeira



ra da China, venerada no santuário de Sheshan, em Xangai. Confie-mos à guia e proteção da nossa Mãe Celeste os Pastores e fiéis da Igreja Católica naquele grande país, para que sejam fortes na fé e firmes na união fraterna, testemunhas alegres e promotores da caridade e da esperança fraterna e bons cidadãos.

Caros irmãos e irmãs católicos na China, quero assegurar-vos que a Igreja universal, da qual sois parte integrante, partilha as vossas esperanças e vos apoia nas provações da vida. Ela acompanha-vos com a oração por uma nova efusão do Espírito Santo, para que em vós brilhe a luz e a beleza do Evangelho, o poder de Deus para a salvação de quantos creem. Ao expressar a todos vós, uma vez mais, o meu grande e sincero afeto, concedo-vos uma especial Bênção Apostólica. Que Nossa Senhora vos proteja sempre!

Por fim, confiemos à intercessão de Maria Auxiliadora todos os discípulos do Senhor e pessoas de boa vontade que, nestes tempos difíceis, em todas as partes do mundo, trabalham com paixão e empenho pela paz, pelo diálogo entre as nações, pelo serviço aos pobres, pelo cuidado da criação e pela vitória da humanidade sobre todas as doenças do corpo, do coração e da alma.



Hoje celebra-se o Dia Mundial das Comunicações Sociais, dedicado este ano ao tema da narração. Que este evento nos incentive a contar e partilhar histórias construtivas que nos ajudem a compreender que todos fazemos parte de uma história maior do que nós e podemos olhar para o futuro com esperança, se realmente cuidarmos uns dos outros como irmãos.

Hoje, no dia de Maria Auxiliadora, dirijo aos Salesianos e Salesianas uma afetuosa e cordial saudação. Recordo com gratidão a formação espiritual que recebi dos filhos de Dom Bosco.

Hoje deveria ter ido a Acerra, para sustentar a fé dessa população e o empenho daqueles que trabalham para combater a tragédia da poluição na chamada «Terra dos Fogos». A minha visita foi adiada; no entanto, envio as minhas saudações, a minha bênção e o meu encorajamento ao Bispo, aos sacerdotes, às famílias e a toda a comunidade diocesana, na expectativa de nos encontrarmos quando for possível. Irei, com certeza!

E hoje é também o quinto aniversário da Encíclica *Laudato si'*, com a qual se chama a atenção para o grito da Terra e dos pobres. Graças à iniciativa do Dicasterio para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, a «Semana da *Laudato Si'*», que acabamos de celebrar, florescerá num Ano especial do aniversário da *Laudato Si'*, um ano especial para refletir sobre a Encíclica, de 24 de maio deste ano até 24 de maio do próximo. Convido todas as pessoas de boa vontade a unirem-se a nós, a cuidarem da nossa casa comum e dos nossos irmãos e irmãs mais frágeis. A oração dedicada a este Ano será publicada no site. Será bom recitá-la.

Desejo-vos a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.